

**FÓRUM INTERNACIONAL**

**Diplomacia  
Cultural e  
Cooperação  
Internacional**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fórum internacional diplomacia cultural e cooperação internacional  
[livro eletrônico] / Organização Marta Porto, Maria Helena Cunha;  
Curadoria Maurício Trindade da Silva, Marcos Toyansk, Andréa de  
Araujo Nogueira.

1ª. ed. São Paulo: Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo:  
Brasil Cultura 23-30, 2023. PDF

ISBN 978-65-87592-17-6

1. Cooperação internacional 2. Cultura e sociedade 3. Diplomacia  
cultural 4. Mediação 5. Relações internacionais

I. Porto, Marta. II. Cunha, Maria Helena. III. Silva, Maurício Trindade da.  
IV. Toyansk, Marcos. V. Nogueira, Andréa de Araujo.

23-150216

CDD-327

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Cooperação internacional: Relações internacionais 327

# EXPEDIENTE

## **SESC - Serviço Social do Comércio Administração Regional no Estado de São Paulo**

### **Presidente do Conselho Regional**

Abram Szajman

### **Diretor do Departamento Regional**

Danilo Santos de Miranda

## **SUPERINTENDENTES**

### **Técnico-Social**

Rosana Paulo da Cunha

### **Comunicação Social**

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

### **Administração**

Jackson Andrade de Matos

### **Assessoria Técnica e de Planejamento**

Marta Raquel Colabone

### **Consultoria Técnica**

Luiz Deoclécio Massaro Galina

## **GERENTES**

### **Centro de Pesquisa e Formação**

Andrea de Araújo Nogueira

### **Artes Gráficas**

Rogério Ianelli

### **Assessoria de Relações Internacionais**

Heloisa Pisani

## **EQUIPE SESC**

Jean Paz, Karina Musumeci, Marcos Toyansk,

Maurício Trindade, Rafael Peixoto,

Rosana Catelli, Walter Cruz

## **Brasil Cultura 23-30**

### **Projeto e Coordenação**

Maria Helena Cunha e Marta Porto

### **Design**

Artur Porto

### **Plataforma**

Rogério Veloso e Artur Porto

## **Fórum Diplomacia Cultural e Cooperação Internacional**

### **Projeto e Organização**

Maria Helena Cunha e Marta Porto

### **Curadoria**

Andrea Nogueira, Maria Helena Cunha,

Marcos Toyansk, Marta Porto e

Maurício Trindade

### **Produção**

Daniel González Xavier

### **Entrevistas e Cobertura Jornalística**

Luciana Pareja Norbiato

### **Design**

Artur Porto e Rubem Hojo

### **Revisão da Publicação**

Élida Murta

### **Divulgação**

Inspire e MPC

Projeto e Coordenação



Realização



O Fórum de Diplomacia Cultural e Cooperação Internacional foi realizado pelo Sesc São Paulo de 3 a 7 de outubro de 2022, no Centro de Pesquisa e Formação.

Contou com a participação de diplomatas, artistas, gestores culturais e especialistas em cinco painéis que abordaram os desafios e as oportunidades para uma política de cooperação cultural com e a partir dos países do Sul Global.





# Sumário

## PARTE 1

**Complexidades da diplomacia cultural** 6

**Saber cooperar, a virtude que nos mantém vivos** 8

## PARTE 2

**O Fórum** 11

### Abertura do Fórum

A cooperação cultural internacional como pilar da alteridade e do respeito às diferenças culturais 12

### Encontro 1

Diplomacia e Mediação Cultural em Tempos de Conflitos 20

### Encontro 2

Agendas globais, identidades culturais e a contribuição do Brasil 30

### Encontro 3

As comunidades como protagonistas da cooperação cultural 40

### Encontro 4

Intercâmbios e diálogos culturais por iniciativas artísticas 52

## PARTE 3

**Cartografia da Cooperação Cultural** 65



# Complexidades da diplomacia cultural

**O debate sobre a cooperação internacional** tornou-se uma urgência no mundo pós-pandêmico, onde novos hábitos e demandas estão em formação, possibilitando mudanças nos fluxos de ideias e recursos. No âmbito da cultura, este momento inspira diferentes abordagens, considerando as relações estatais, subnacionais e de agentes culturais (artistas, produtores, gestores, comunidades, entre outros), na perspectiva de compreender os desafios e oportunidades da esfera diplomática.

Tradicionalmente, a ideia de diplomacia cultural vincula-se aos jogos de poder dos Estados no cenário internacional, constituindo-se um exercício da política externa, cujo instrumento principal é a cultura. Contudo, a noção que atribui a essa área a tarefa de construir a imagem de um país com o intuito de projetar o seu poder para além de suas fronteiras nacionais tem sido superada nos últimos anos. Atualmente, reconhece-se que o poder de influência derivado da cultura (o chamado *soft power*), advém não apenas das negociações e dos intercâmbios promovidos pelo poder estatal, mas engloba também a legitimidade conferida por representantes não oficiais de cada região.



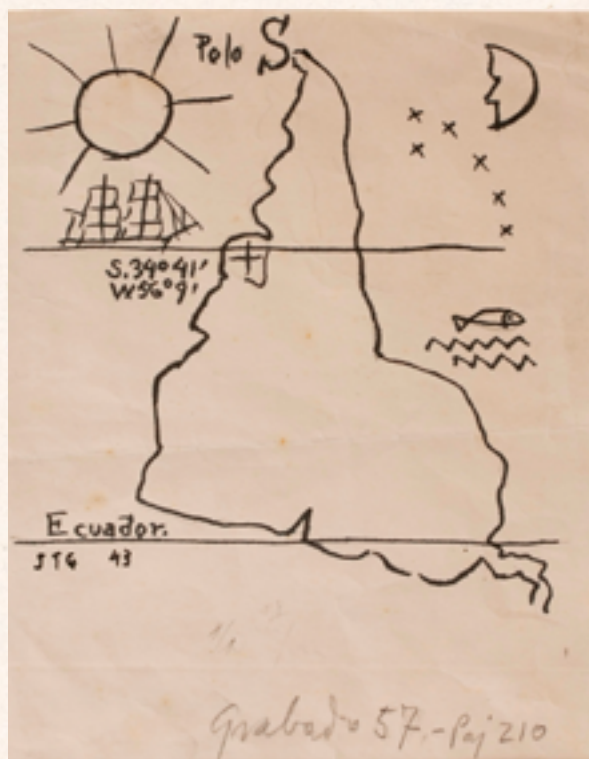
É a partir dessa concepção ampliada, que considera a diplomacia cultural como prática de intercâmbio de culturas, que o Sesc, em colaboração com o projeto Brasil Cultura 23-30, realizou o Fórum de Diplomacia Cultural e Cooperação Internacional, em outubro de 2022. Com a intenção de fomentar reflexões sobre o campo e o modo de atuação dos mais variados agentes acerca das conexões com seus pares no exterior, o evento também discutiu como as ideias, as práticas, os serviços culturais e artísticos podem fluir no circuito transnacional. O Fórum foi estruturado em quatro eixos temáticos – diplomacia cultural e mediação de conflitos; cooperação no âmbito público; agendas globais de cultura; e intercâmbios e diálogos artístico-culturais – e buscou oferecer referenciais teóricos e práticos para o estudo e o aprofundamento em programas de cooperação.

Como instituição dedicada à promoção da cultura e da educação, o Sesc entende a cooperação internacional como dinamizadora de iniciativas socioculturais – apoiando a reciprocidade das relações entre os distintos participantes –, em que a cultura extrapola seus usos baseados no interesse político ou como instrumento direto de poder, agindo também como transformadora da sociedade e promotora de valores democráticos que prezem pela diversidade de práticas e pensamentos. Esperamos que esta publicação possa contribuir para que novas ideias e ações fomentem articulações entre as nações e os povos, com o envolvimento de atores estatais e não-estatais atuando em prol de um mundo mais solidário.

**Danilo Santos de Miranda**

*Diretor do Sesc São Paulo*

## Saber cooperar, a virtude que nos mantém vivos



*América Invertida*. Torres Garcia (1943).

**Sob a inspiração da obra prima** do pintor uruguaio Torres Garcia, *América Invertida*, tecemos este Fórum, cuja proposta em primeira mão foi a de reiterar a importância da cooperação como virtude que mantém vivo nosso sonho de vivermos sob paz e justiça. É no diálogo e no respeito ao outro que construímos as condições para que a cooperação continue a ser um dispositivo de evolução contínua da humanidade.

A obra de Torres Garcia também nos provoca a pensar na necessária mudança de perspectiva que o mundo de hoje solicita para enfrentar os seus dilemas, avanços e fracassos. E, sobretudo, nos fala

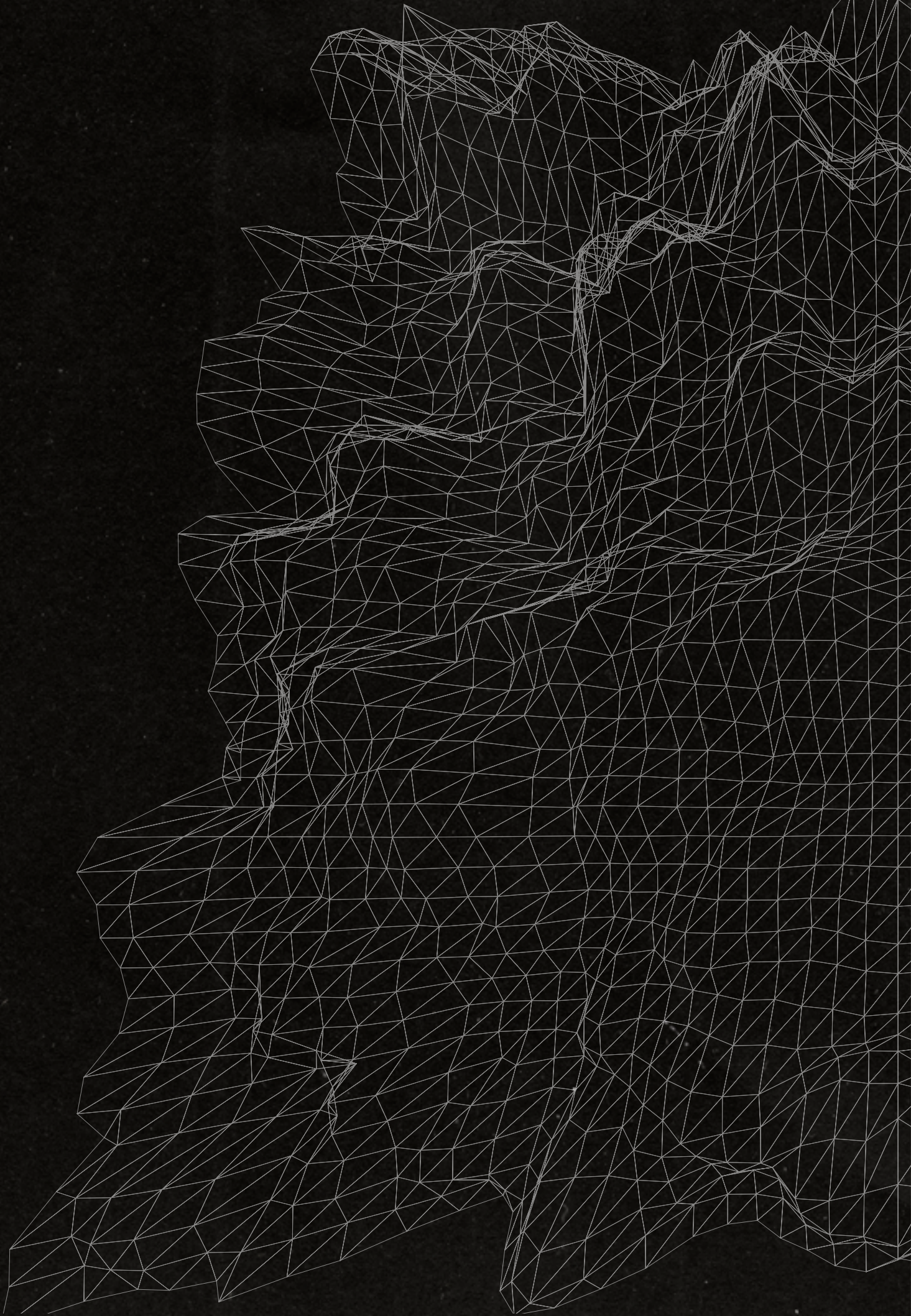
do tema central do Fórum de Diplomacia Cultural e Cooperação Internacional realizado pelo Sesc São Paulo em outubro de 2022, um dia após o segundo turno de uma das mais importantes eleições brasileiras desde a conquista da democracia nos anos de 1980: é na cultura que se edificam os valores necessários para que o sonho da cooperação – entre pessoas, comunidades e nações – esteja ancorado em bases sólidas. É também na cultura que crescem dogmas, preconceitos e medos capazes de empurrar o mundo para crises, guerras e discriminações as mais diversas.

Partimos de algumas inspirações e de um quadro de perguntas para, em conjunto com a equipe do Centro de Pesquisa e Formação, organizar os cinco diálogos realizados pelo Fórum. O leitor vai encontrá-las em destaque ao longo desta publicação, na cobertura de cada encontro/painel. Elas foram um guia para os participantes formularem suas colaborações e trocarem pontos de vista orientados por um objetivo comum.

Neste momento, em que celebramos a resistência das instituições e da sociedade brasileira aos violentos ataques que a democracia e as noções de decoro e de respeito na vida pública sofreram nos últimos quatro anos, este primeiro Fórum, da série que o projeto Brasil Cultura 23-30 irá realizar nos próximos anos, busca contribuir com ideias e reflexões para as políticas culturais do novo governo e do seu desejo de retomar o protagonismo internacional do país. A sofisticação artística, a abundância e a diversidade cultural do Brasil são umas das mais importantes chaves para que essa missão se cumpra. Depende apenas de uma boa dose de ambição e de vontade coletiva para organizar uma política de Estado que eleve a área cultural à altura do que somos capazes de criar, de inventar e de produzir todos os dias.

**Marta Porto e Maria Helena Cunha**

Coordenadoras do Brasil Cultura 23-30





**O Fórum**

Inspiração

*O propósito da vida é abordar com uma canção qualquer coisa que encontrarmos pela frente.*

Ditado sioux



## A cooperação cultural internacional como pilar da alteridade e do respeito às diferenças culturais

Participantes:

**Paulo Pires do Vale**

Filósofo, ensaísta. Comissário Nacional das Artes de Portugal

**Danilo Santos de Miranda**

Filósofo, cientista social e gestor cultural. Diretor do Sesc São Paulo

**Aurea Vieira**

Filósofa e gestora cultural. Gerente de Assuntos Internacionais do Sesc São Paulo



Paulo Pires do Vale

# A palestra de abertura cumpre o propósito de apresentar os diferenciais que marcam as relações internacionais quando elas são estabelecidas pela cultura e por seus principais desafios na atualidade.

Escritor, filósofo e curador, Paulo Pires do Vale usou de sua experiência mesclada ao bom humor para expor sua visão sobre a diplomacia cultural em âmbito internacional. “Nós somos resultado de muitos. Sobre a diplomacia cultural, não há país, cultura, povo que não seja o resultado de muitos. A cultura nos permite dilatar a vida, dilatar o mundo, e a relação de uma cultura com outra é essa possibilidade de dilatação do mundo, que é a função da diplomacia cultural”, ele afirmou durante o encontro de abertura.

Segundo o filósofo, essa dilatação da vida só é possível quando aceitamos e nos relacionamos com o Outro, compreendido, no sentido do conceito lacaniano, como aquele que nos é estranho, distinto, diferente. “Como sair de nosso preconceito cultural, da negação da cultura do Outro? Precisamos nos despir. Esse despirmo-nos é determinante para compreendermos não só o Outro, mas a nós próprios. Como disse Oswald de Andrade: “Quando o português chegou ao Brasil debaixo de uma bruta chuva, vestiu o índio. Que pena! Fosse uma manhã de sol, o índio teria despido o português”, citou Vale.

Ainda tomando Jacques Lacan como inspiração, propôs como base da relação com o Outro a ideia de *extimidade*, criada pelo psicanalista



francês: “qualquer coisa exterior e ao mesmo tempo própria ao indivíduo, algo que está fora de nós, mas também carregamos dentro”.

Em outras palavras, é a absorção ou o reconhecimento de algo externo que, ao mesmo tempo, nos transforma, podendo até eliminar algo de nosso. “Rilke aponta para a morte íntima que cada um transporta em si”, comentou. Assim, quando alguém lê um livro ou vê um filme, relaciona-se com a obra completando-a, ou seja, a obra de arte “torna a experiência íntima partilhável. A arte e a cultura são exteriores, mas absolutamente próprias, íntimas”.

Prosseguindo em seu discurso, Pires do Vale firmou um segundo ponto fundamental para se



pensar a diplomacia cultural: a autonomia da obra de arte em relação ao seu autor. “Não existe essa questão do que o autor quis dizer com a obra”, considerou o palestrante. Para ele, a partir do momento que um artista lança sua produção no mundo e o público toma contato com ela, naturalmente a obra “mata o pai” (novamente, um conceito psicanalítico), ou seja, deixa de ser daquele artista para ser completada por cada espectador, por cada leitor. Ela é do mundo.

Para Vale, essa relação de constante construção de sentido é algo próprio de nossa relação com a obra de arte, mas é também de nossa relação com nossa singularidade como indivíduos, ou nossa ipseidade – que o filósofo prefere ao conceito de intimidade. “Ao contrário de identidade, ipseidade é o que cada um é em seu íntimo, é a singularidade de cada um; identidade quer dizer que somos sempre os mesmos, o que é mentira”.

A partir desse reconhecimento do Outro e do que há (ou não) do Outro em si, o indivíduo é capaz de dilatar sua visão de mundo e se indestinar, ou seja, deixar de se referir sempre às suas raízes familiares, geográficas, sociais – que se acredita serem determinantes da identidade –, para não ter preconceitos em seu contato com as diferenças.

**“Se a cultura permite dilatar o mundo, é para indestinar a vida. O choque entre culturas ajuda uma cultura a enxergar os pontos cegos de sua própria constituição a partir do que o Outro tem.”**

“Paul Ricoeur diz que no coração da identidade está o coração da alteridade. Em cada livro que lemos, em cada obra que tomamos contato, o Outro já está em nós. Cultura é mestiçagem, é impura e tem de ser impura. Ainda bem que é impura. Somos sempre influenciados pelos outros, nunca estamos sozinhos”, afirma Paulo Pires do Vale, citando um poema de José Tolentino Mendonça como exemplo:

*O poema é um exercício de dissidência,  
uma profissão de incredulidade na  
onipotência do visível,  
do estável, do apreendido.  
O poema é uma forma de apostasia.  
Não há poema verdadeiro  
que não torne o sujeito um foragido.  
O poema obriga a pernoitar na solidão  
dos bosques,  
em campos nevados, por orlas intactas.  
Que outra verdade existe no mundo  
para lá daquela que não pertence a este  
mundo?  
O poema não busca o inexprimível:  
não há piedoso que, na agitação da  
sua piedade,  
não o procure.  
O poema devolve o inexprimível.  
O poema não alcança aquela pureza que  
fascina o mundo.  
O poema abraça precisamente aquela  
impureza que o mundo repudia.*

**José Tolentino Mendonça**

*Optate volute*

Para o filósofo português, abraçar a diversidade própria da cultura “é importante contra os nacionalismos”, que servem como figura de retórica para políticas e governos de extrema direita.

## **“Como o azulejo, que se crê um símbolo português, mas vem carregado da influência árabe”.**

E completa: “Muitas vezes tentamos esconder esses ‘muitos em mim’. Também uma cultura nacional são muitas e esse é um problema da democratização da cultura. Não há uma única cultura, são várias. A cultura é plural. Tentamos transformar o Diferente no Mesmo, e isso é um erro. O Outro pode ser visto como a plasticidade em nós”.

Aurea Vieira fez uma ponderação relevante sobre esse ponto do crescimento dos nacionalismos no mundo:

“Entre essa relação de cultura e de registro simbólico, e de acreditar que esse simbólico é nosso, tem também uma perspectiva que eu acredito muito pluralista. E estamos neste momento com os antiglobalistas, como o Trump, nos EUA – e nem preciso falar daqui –, que se imbuem de uma ideia de que ‘nós vamos nos salvar, porque somos patriotas, não vamos deixar as influências externas chegarem até nós’, sendo que, como o próprio Danilo [Santos de Miranda] fala, cultura não se faz olhando para o próprio umbigo. Como você disse bem, do que a gente precisa se despir e do quanto a gente precisa se vestir, e quanto esse despir e vestir é um exercício filosófico, psicológico e, claro, inevitavelmente social.”



Pires do Vale complementou que, da mesma forma que a identidade de cada um está sempre em construção e mudança, assim também está a ideia de nacionalidade, em suas relações com outros países, com suas diferentes regiões e em cada época. “Durante a ditadura portuguesa, houve a construção de uma ‘tradição’ e de uma ‘identidade’ portuguesas, e tem quem pense que elas sempre foram assim, mas é uma criação dos anos 1930. Muitos monumentos portugueses foram recriados nos anos 1940, são pastiches”, comentou Paulo Pires do Vale.

Para ele, é preciso entender a diferença entre democracia cultural e democratização da cultura. “Democratização parte de uma ideia do que é certo consumir culturalmente, por parte de uma cultura dominante. É com boa intenção, mas é sempre do ponto de vista de uma desigualdade inicial, de uma imposição ao outro. A democracia cultural é dar aos cidadãos equivalência, confirmação de igualdade, pela qual os cidadãos podem, eles mesmos, falar de sua própria cultura e criar suas próprias obras”.

Por isso, não existe democracia sem diferença e conflito, não confundido com agressão.

Durante as perguntas, Pires do Vale comentou que não acredita na política de cancelamento cultural. “Quando eu critico o trabalho de um aluno, eu não estou criticando o aluno, mas seu trabalho. É preciso separar o trabalho de uma pessoa da própria pessoa, são coisas diferentes. Achemos que o que fazemos é exatamente aquilo que somos, e não é verdade”, ele pontuou.

Partindo de toda essa filosofia, foi criado o Plano Nacional das Artes - PNA em Portugal, do qual Pires do Vale é o Comissário. Iniciativa do Ministério da Cultura, do Ministério da Educação e do Ministério do Ensino Superior (que em Portugal são distintos), o projeto quer reforçar a ligação das artes com a comunidade a partir da formação de professores de todas as disciplinas, e não só de artes, para trabalhar seus conteúdos a partir das artes e da cultura. Paulo Pires do Vale contou que o PNA no momento está trabalhando a ligação com as universidades, para que se apresentem com propostas estratégicas.

“A arte não é feita para consumir, mas é uma forma de se relacionar com o mundo. A ideia não é fazer ‘para’, mas fazer ‘com’”

**“Temos que aprender a abraçar o conflito como diferença, mas sem a violência de não poder assumir lados opostos sem ser agredido. A democracia deve ser o lugar de perspectivas diferentes, não o lugar da opinião única. Religiosamente e filosoficamente, o Uno sempre foi pensado como o bom. Não, o conflito e a diferença é que são fundamentais.”**



## Destaques das Falas

**Eles falam sobre os diferenciais e os desafios na atualidade das relações internacionais promovidas pela cultura por meio de suas trajetórias e de suas experiências profissionais.**



**Danilo Santos  
de Miranda**

“O que caracteriza o trabalho no campo da cultura, tanto na amplitude dos modos de vida quanto no domínio das artes, ou seja, nas dimensões antropológica e sociológica, tem a ver com um conjunto de valores que guiam, ou deveriam guiar, as proposições das atividades culturais. São eles: o viver junto, a diversidade, o respeito mútuo, a liberdade, a alteridade, a dignidade (de habitar bem, de comer bem, de fruir o tempo livre), entre outros aspectos que garantem uma ideia de bem viver ou de ampliação da qualidade de vida”.

“Por isso, a cooperação internacional desenvolvida pelo Sesc é um princípio constitutivo de uma concepção de cultura democrática, libertária, crítica e inventiva. Enquanto perspectiva do mundo e da vida humana integrada à ação contínua e permanente”, declara Danilo Santos de Miranda.

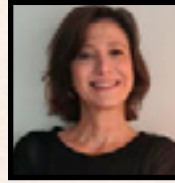


**Paulo Pires  
do Vale**

“O Plano Nacional das Artes<sup>1</sup> nasce com o desejo de tornar mais acessível a cultura, as artes e o patrimônio aos cidadãos, em particular aos cidadãos em idade escolar. Diria que não o faz simplesmente porque fica bem sabermos mais sobre cultura, mas porque acredita no poder transformador das artes e do patrimônio na vida. [...] Nesse sentido, a construção de cada um, a compreensão de cada um, o conhecimento de cada um necessita desse depósito da humanidade que é o patrimônio, material e imaterial, essa construção contínua da humanidade e da sua identidade, que são as artes.”

“Ou seja, o grande propósito do PNA é deitar abaixo muros. Falava do muro das disciplinas, do muro entre as instituições culturais e as escolas, e não apenas entre as escolas e as instituições culturais. Muito facilmente, ao institucionalizarmos também criamos e levantamos muros [...] e o grande propósito é deitar abaixo e quebrar estes muros” falou Pires do Vale na conferência digital Museus e Responsabilidade Social - Participação, Redes e Parcerias (2021).

<sup>1</sup> Para saber mais sobre o Plano Nacional das Artes de Portugal, acesse [www.pna.gov.pt](http://www.pna.gov.pt)



**Aurea Vieira**

“A gente comemora este ano o centenário da Semana de 1922 e tem alguns estudiosos do tema aqui conosco, neste Fórum, que estudam com profundidade os modernistas. Você citou Oswald de Andrade, por exemplo. Oswald incorpora essa ideia de que as culturas que se propõem antropofágicas têm uma perspectiva que não se preocupa tanto com a noção de identidade, mas se preocupa com essa construção simbólica *ad infinitum*”.

## LEIA

---

*Tudo é outra coisa.* O desejo na Fenomenologia do Espírito de Hegel. Lisboa: Colibri, 2006.

Plano Nacional das Artes de Portugal.

Inspiração

*“Pelo amor de Deus, abram o universo um pouco mais!”*

Saul Below



## Diplomacia e Mediação Cultural em tempos de conflitos

Participantes:

**Irene Vida Gala**

Diplomata, atuou dois anos no Conselho de Segurança da ONU

**Michel Gherman**

Professor de Sociologia da UFRJ e pesquisador do Centro de Estudos do Antissemitismo da Universidade Hebraica de Jerusalém

**Marta Porto**

Jornalista e crítica de cultura



Michel Gherman,  
Marta Porto e  
Irene Vida Gala

**O desafio do sistema de governança global para colocar em prática uma cultura de convivência pacífica. A cultura como pilar dos direitos humanos. O papel da diplomacia cultural na mediação de conflitos. As artes como valor da cooperação entre os povos e como instrumento de relações internacionais. A política de cancelamentos culturais, como a adotada por alguns países, instituições culturais e grupos identitários diversos, não desestabiliza os princípios defendidos pelos documentos e acordos internacionais de cultura?**

A ementa da mesa foi o ponto de partida para uma colocação inicial de Marta Porto, que ressaltou de que forma as questões relativas aos Direitos Humanos estão num momento de destaque no cenário internacional diante do avanço da extrema direita em diversos países e da Guerra da Ucrânia.

Mesmo com esse destaque dado ao tema, Porto pontuou que a cultura e as artes ainda passam ao largo dos debates e ainda não recebem a devida atenção em termos de planejamento de políticas públicas. “É um exato vazio em termos de planejamento estratégico”.

A jornalista e crítica de cultura citou o caso bem-sucedido da Colômbia, “onde o conceito de cidadania cultural, usado pelo ex-Prefeito de Bogotá Antanas Mockus, um matemático e filósofo, é proposto como âncora para se opor à narrativa de violência e inspirar os gestores públicos a propor soluções não limitadas a saídas punitivas e de segurança pública, fortemente vinculadas à Colômbia durante décadas”.

*A partir dessa troca de narrativa, da mudança de perspectiva que a noção de cidadania cultural traz para a gestão pública, foi possível desenhar estratégias sistêmicas para reduzir os índices de violência e propor modalidades renovadas de convivência social”.*

Marta apontou como fundamental “a necessidade de dar nome exato às coisas para organizar estados mentais que levem aos resultados que desejamos, sem se submeter a clichês e a saídas fáceis”.





## **Desafio da diplomacia em um mundo em crise**

Em sua fala, Irene Vida Gala alertou para o papel cada vez mais periférico e precário que o Brasil vem assumindo na configuração da economia internacional e das questões políticas internas do país. “O momento é desafiador”, ela afirmou. “Apesar de ainda não termos uma definição em termos de eleições, há já uma escolha de valores do ponto de vista da sociedade brasileira”.

Gala explicou que um fator externo inesperado, a Guerra da Ucrânia, é o agravador de um processo de abandono do multilateralismo (próprio da tradição de nossa política externa) e um disparador da aliança firmada com a Europa, causando ruptura também do ponto de vista interno. “A guerra veio nos trazer uma crise, não só da iminência de uma guerra nuclear, que pode nos afetar a todos de uma maneira que a gente não consegue nem conceber, mas também no sentido de entender qual lado está com a razão”.

Em sua opinião, mesmo outros temas, como a mudança climática, estão provocando uma série de cisões no campo político internacional.

Ela afirmou que a imposição do modelo econômico chinês em sua capacidade predatória de precarização do trabalho também vem gerando um cenário externo de concentração de renda, tecnológico-global, em que a economia acaba por ditar as regras, com a possibilidade de exclusão de populações inteiras.

Diante desse cenário, Vida Gala comentou que o Brasil, diante de uma política externa de precarização da mão de obra e de oferta apenas dos insumos básicos, desvalorizando a formação profissional – e, muito além, a educação e a cultura –, vem periferizando-se cada vez mais no governo atual.

***Muita gente do mesmo campo político se dividiu diante da guerra e isso é sinal de uma crise interna do Itamaraty, que perdeu o monopólio da narrativa de política externa. E quando ele é desacreditado pelos setores internos, ele é incapaz de usar sua tradição para tomar um encaminhamento diante da questão”,*** comentou a diplomata.

“Da mesma forma, a economia da África gira em torno da exploração indiscriminada de minérios, como na Amazônia. Os países africanos cedem todos os minérios e insumos vegetais com ganho baixíssimo”, comentou a diplomata, que durante sua carreira teve atuações variadas relacionadas ao continente africano, participando de missões permanentes em Angola e na África do Sul. Ela explicou que, embora a África seja muito diversificada, sua visibilidade no campo internacional é de um bloco único, dado o tipo de relação econômica que os países desenvolvidos estabeleceram com o continente.

Diante desse descrédito atual do multilateralismo, órgãos como a ONU perdem espaço para entidades menores, como a Otan, cuja tentativa de ingresso por parte da Ucrânia foi o estopim da guerra atual.

Para ela, estamos vivendo uma crise do Iluminismo, dos valores ocidentais, da Ciência.

**Esse é um momento especial, temos responsabilidades a assumir. Precisamos pensar como a cultura e a arte podem apagar essa desagregação. Porém, no mundo neoliberal, a arte também tem se tornado uma expressão do modelo capitalista.”**

Ela apontou a governança global como um modelo que gera esses conflitos, em sua conformação neoliberal. “O diplomata não pode ignorar o conflito. Qual é a raiz efetiva desse conflito? Valores? Modelos filosóficos? Ou de profundo contexto econômico?”, ponderou.

E nesse caso, em que há uma forte estrutura econômica que dita as regras do jogo político internacional, influenciando a vida de milhares de pessoas cotidianamente, até que ponto a arte pode promover mudanças na estrutura econômica? A diplomata citou Edgar Morin: “Por sorte, existe o imponderável”.

Irene Vida Gala postulou que a possibilidade de mudança está na “arte do coletivo, subversiva”. “Quisemos participar de um mundo de arte e cultura elevados, entrando nesse sistema econômico opressor. O quadro internacional é assustador para a inserção do Brasil. Onde nos sobra espaço?”

Uma das ideias que Vida Gala defendeu no encontro, como forma de mudar essa realidade partindo da base, foi o MONUEM<sup>2</sup>, um projeto concebido pelo Escritório de Representação do Ministério das Relações Exteriores em São Paulo, que visa a realizar simulações do modelo das Nações Unidas com alunos da rede pública de ensino de São Paulo, oferecendo a oportunidade de agir como um diplomata em um ambiente de negociação de temas vitais, representando um país e se apresentando realmente na ONU: “Educar para a política externa mostra para um país tão gigante que o país não é suficiente, é preciso pensar seu contexto no mundo”, comentou.

<sup>2</sup> <http://www.monuem-eresp.org/>



Esse tipo de iniciativa é um caminho para a tolerância e a compreensão entre povos, segundo a diplomata.

***Trabalhar com tolerância, formar consciência sobre a pluralidade do sistema internacional é uma possibilidade de mudar esse ambiente desfavorável a isso.***

Ela frisou que é preciso trabalhar a partir do que se tem e do que é possível para chegar ao melhor cenário, e não trabalhar no mundo ideal.

## **Matriz miliciana**

Michel Gherman foi enfático em sua fala. Judeu praticante e especialista no conflito Israel-Palestina, o historiador diz que o atual

governo federal, encabeçado pelo presidente Jair Bolsonaro, tem como objetivo “produzir um país de matriz miliciana, que torna o Brasil uma imensa periferia”. Para o professor da UFRJ, o plano de governo de Bolsonaro tem uma “estrutura de percepção do mundo a partir do nazifascismo dos anos 1930-40”, ou seja, relaciona-se diretamente à retórica de poder de Adolf Hitler e de Benito Mussolini, sem atenuantes.

Discordando de Irene Vida Gala, ele afirmou que essa não é uma crise do Iluminismo, mas, na verdade, é fruto do modelo de razão do século XVIII, que também tem como base a estetização da política, conceito usado pelo filósofo Walter Benjamin para analisar a ascensão do nazismo ao poder na Alemanha. “Essa característica é produto do Iluminismo”.

Para Gherman, o Brasil hoje é governado por uma política miliciana. “A periferia transbordou para uma periferia social, cultural, no pior sentido da palavra, como quem está na mão da milícia como poder”. Nesse ponto de sua fala, ele citou o poema *Ele é calmo, e eu também*, do poeta palestino Mahmoud Darwish, como expressão desse ódio

latente entre cidadãos que tanto podem ser israelenses e palestinos como brasileiros vivendo sob um governo miliciano:

*Ele é calmo,  
E eu também.  
Ele bebe chá de limão,  
e eu bebo café.  
(esta é a única coisa diferente entre nós)  
Ele, como eu, usa uma camisa folgada básica  
E eu olho, como ele, para uma revista mensal.  
Ele não me vê enquanto eu o olho discretamente;  
Eu não o vejo enquanto ele me olha discretamente.  
Ele é calmo,  
E eu também.  
Ele pede algo ao garçom;  
Eu peço algo ao garçom.  
Um gato preto passa entre nós,  
E eu toco sua noite de pêlos;  
Ele toca sua noite de pêlos.  
Eu não digo a ele: o céu está claro hoje,  
mais azul;  
Ele não me diz: o céu está claro hoje.  
Ele é o visto e o que vê;  
Eu sou o visto e o que vê.  
Eu movo minha perna esquerda;  
Ele move sua perna direita;  
Eu balbucio a melodia de uma canção;  
Ele balbucia a melodia de uma canção.  
Eu penso: Ele é o espelho onde eu me vejo?  
Então eu olho direto em seus olhos,  
e eu não o vejo.  
Eu deixo o Café com pressa,  
Eu penso: talvez ele seja um assassino,  
ou talvez ele é apenas um homem passando  
e eu sou um assassino.*

Nesse sentido, a escuta do Outro, reiterada por Paulo Pires do Vale no encontro de abertura, volta como necessidade para a tentativa de resolução do conflito Israel-Palestina, “que deve ser compreendido a partir das frustrações de sua superação [...]. A crise dos Acordos de Oslo<sup>3</sup> se deu pela incompreensão das narrativas um do outro, das partes”, ele afirmou.

Gherman reforçou a necessidade de “escuta do outro, contra a ideia do Estado como caixa-preta”, o que se vê nos regimes totalitários e atualmente no Brasil, com as medidas de Bolsonaro para estender o sigilo de 100 anos sobre várias investigações a seu respeito, além de ter um orçamento secreto.



Michel Gherman

**“É preciso escutar a narrativa do outro, porque na perspectiva atual, no Brasil e em Israel, a narrativa é usada como mentira.”**

**3** Os acordos de Oslo foram uma série de encontros realizados na Noruega entre o presidente da Organização para a Libertação da Palestina, Yasser Arafat, e o primeiro-ministro israelense, Yitzhak Rabin, mediados pelo presidente norte-americano Bill Clinton, que culminaram na assinatura de um tratado de paz em 1993, rompido depois.

Ele fez piada com a tendência de certos setores da intelectualidade, que sempre querem acabar com uma discussão sobre pontos de vista dissonantes com o argumento da geopolítica. “Quando não querem ver os pontos de vista de cada lado, dizem ‘mas aí, você tem que considerar a *geopolítica*’”. Em sua visão, a cultura pode ser contra-hegemônica quando não é a dessa “geopolítica”, que não passa da redução de uma problemática específica de uma região a algo que não deve ser compreendido nem debatido.

**É preciso estabelecer relações possíveis entre a cultura periférica e o poder, e não só o poder. Dialogar com a periferia a partir de um diálogo de fato. Nosso governo atual é nazista, de estética nazista, e está sequestrando setores importantes da periferia. É necessário desfazer essa retórica a partir da periferia”,**

ele afirmou, reiterando a tese central de seu livro recém-lançado, *O não judeu judeu: A tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo*.

Segundo o historiador, não podemos ignorar aspectos fundamentais da cultura de massa, como a religião, mesmo que não seja do campo do debate acadêmico.

“Religião não está no horizonte de perspectiva dos intelectuais, mas no horizonte de desejo do povo, e o campo do desejo é fundamental para se entender muito do que está acontecendo hoje. Deve ser compreendido e revisitado”.

Ele vê a cultura como possibilidade de construção não da paz, mas das pazes, múltiplas e abrangendo as diferenças.

**A morte da cultura é a simplificação, como o boicote e o cancelamento cultural”,**

através da qual se perde o horizonte de dimensão do outro.



## Destaques das Falas

**Este Fórum foi realizado logo após a Conferência Mundial da Unesco para as Políticas Culturais e o Desenvolvimento Sustentável – [Mondiacult 2022](#)<sup>1</sup>, que tem como um dos seus eixos a cultura de convivência e para a paz. Seus participantes falam aqui sobre os desafios das políticas culturais na atualidade para contribuir com um processo gradativo de formação de uma cultura de paz.**



**Irene Vida Gala**

“A diplomacia tem por pressuposto o diálogo como forma de promoção da paz e da cooperação, exatamente em contraposição a meios coercitivos, a sanções e, em última instância, à guerra. Para a condução do diálogo, é essencial a superação dos preconceitos e da desconfiança, o que se dá em razão do conhecimento mútuo, da compreensão e da empatia. O diálogo diplomático sustenta-se, ademais, sobre o respeito e a tolerância.”

“Todas essas condições são resultantes de um exercício constante de trocas culturais. Talvez a situação em que mais vivenciei essa situação foi, de fato, no período em que, como integrante da delegação brasileira, acompanhei, por dois anos, os trabalhos do Conselho de Segurança da ONU em temas relativos ao continente africano”, conta a diplomata.



**Marta Porto**

“A mediação cultural está presente como instrumento de solução de conflitos em muitos países latino-americanos e em programas realizados em cidades brasileiras por anos. A primeira experiência mais estruturada de que participei foi com os programas [Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz](#), liderados pela Unesco em parceria com o Governo do Estado do Rio de Janeiro. A abertura e a ocupação dos prédios escolares aos finais de semana e no contraturno, com uma série de iniciativas combinadas de arte, cultura e formação para a cidadania, junto à capacitação de mediadores locais, trouxe resultados significativos na redução de índices de conflitos no ambiente escolar e nas comunidades no entorno das escolas. Os [Parques Bibliotecas](#), na Colômbia, e os programas liderados pela antropóloga mexicana [Lucina Jimenez](#), uma autoridade no tema, também são uma bússola neste tema”.

É importante compreender que a mediação cultural é um, e não o único, dos dispositivos sociais que podem cooperar para a solução de conflitos, situações de violência ou de vulnerabilidade. Sua prática isolada, como qualquer outra, não tem papel decisivo. A visão deve ser sistêmica, estudada caso a caso e construída de forma participativa com todos os atores envolvidos na solução do problema”, ela conclui.



Sobre a relação pendular entre momentos de conciliação e beligerância, o que eu poderia falar: a referência tem relação com o ódio e o pós-ódio nas relações entre palestinos e israelenses. O que vemos em momentos agudos do conflito pode ser definido como ódio estrutural e, portanto, quase insuperável. O que impressiona é justamente momentos de avanço nas negociações de paz”.

Há aqui uma espécie de mediação da subjetividade. O ódio estrutural quase desaparece e há uma relação profunda com coexistência e esperança. Os mesmos elementos que diziam ser impossível a paz nas fases agudas, defendiam a paz em períodos de mediação e avanço. É importante notar, entretanto, que as fases agudas têm capacidade de retornar em frustrações de momentos de desesperança. Conforme já testemunhado por mim também”, ele completa.

## LEIA

---

### Irene Vida Gala

*Política Externa como Ação Afirmativa: Projeto e Ação do Governo Lula na África - 2003/2006.* Santo André, SP: Editora UFABC, 2019.

### Marta Porto

*Imaginação: reinventando a cultura.* São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

*Comunicação no Centro da Mudança.* Rio de Janeiro: Approach, 2017.

*Nós do Morro, 20 Anos.* Rio de Janeiro: XBrasil, 2008.

### Michel Gherman

*O não judeu judeu: A tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo.* São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

*Negacionismo: a construção social do fascismo no tempo presente (organização em parceria com Karl Schruster e Óscar Ferreiro-Vázquez).* Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2022.

*O Início do Sionismo no Brasil: Ambiguidades da História.* São Paulo: Editora Unifesp, 2021.

<sup>1</sup> Realizado na Cidade do México, entre 28 e 30 de setembro de 2022.

Inspiração

*“O povo da mercadoria precisa dizer sim a outras formas de existência.”*

Davi Kopenawa





## Agendas Globais, Identidades Culturais e a Contribuição do Brasil

Participantes:

**Daniel Munduruku**

Escritor e professor, pertencente à etnia indígena Munduruku

**Leda Martins**

Dramaturga, poeta e pensadora do teatro contemporâneo, principalmente do teatro negro

**Mário Lúcio Sousa**

Músico, multi-instrumentista, ex-Ministro da Cultura de Cabo Verde e Embaixador Cultural de seu país – Participação virtual

**Denise Baena** (Mediação)

Gerente de Educação para Sustentabilidade e Cidadania no Sesc São Paulo



Daniel Munduruku, Denise Baena, Mário Lúcio Souza (vídeo) e Leda Martins

**Vivemos um tempo em que o medo, a desesperança e as incertezas contribuem para colapsar a nossa visão de futuro. Uma porcentagem cada vez maior da população mundial vive sob o risco da fome, da violência e da insegurança social. Muitas culturas estão sob ameaça diária de sobrevivência e mesmo de extinção.**

As agendas globais, tais como as definidas hoje para enfrentar esses desafios da humanidade, contribuem para promover as mudanças culturais que o mundo necessita? Quais são as novas visões de mundo que podem servir de inspiração para uma transformação dos paradigmas culturais que estabelecem essas agendas?



Como convidado internacional, Mário Lúcio Sousa abriu o debate a distância com uma fala emocionante. Ele já iniciou sua fala assim:

***“A base da diplomacia cultural é a política cultural. Nossa referência cultural é ocidental, o pensamento aristotélico/socrático/cartesiano. O conhecimento cultural dos povos negros e indígenas é subestimado.”***

Com essa europeização do pensamento tanto no Brasil como na África, os povos acabam por basear-se mais na estética e na cultura como lazer e consumo, algo para fazer nas horas vagas. “E assim esquecemos que a cultura tem uma parte não palpável. [...] Não há pensamento diverso sobre a cultura, e esse pensamento do consumo e do consensual é imposto pelas universidades”, ele afirmou.

## **Modelo europeu não pode ser o único**

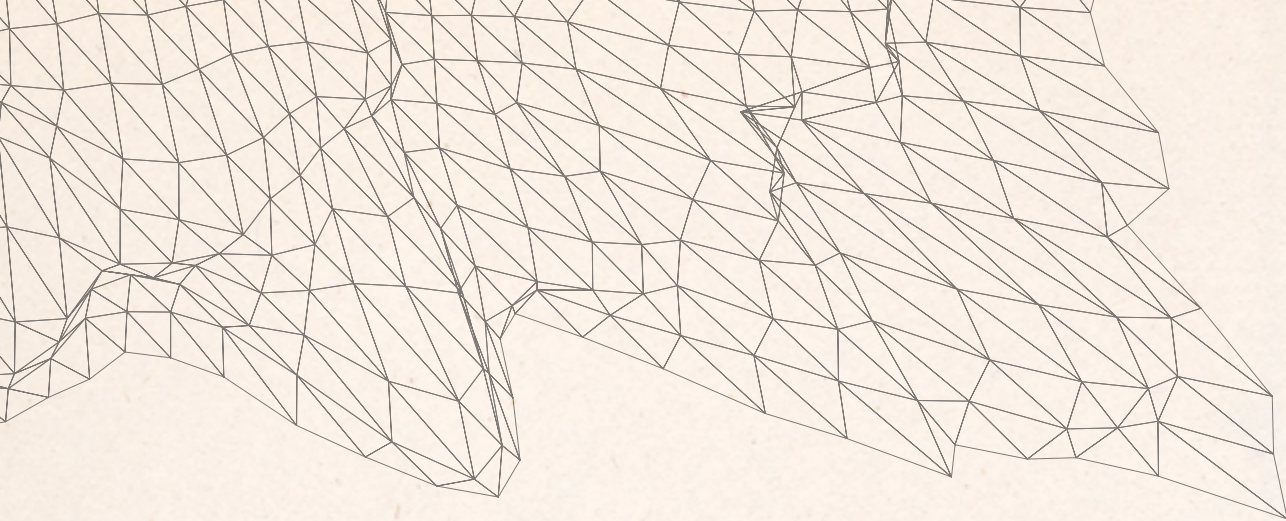
Essa adoção cega do modelo europeu acaba por segregar o Sul Global, mas, para Mário Lúcio, esse “Sul” nem chega a existir de fato. “Na verdade, nossa posição geográfica é sempre relativa. Há um ‘Sul’ porque há algo localizado mais acima, mas essa ideia de ‘Sul’ global é uma generalização que leva a uma postura segregacionista, excludente”.

Como o artista e pensador desenvolveu em sua fala, não existe uma única forma de democracia, o que é observável nos vários exemplos ao redor do mundo. Portanto, minimizar a representatividade de uma parcela significativa da população mundial a partir de uma generalização é ir contra a própria ideia democrática.

***“É preciso haver escuta de todos para haver diversidade, pluralidade”***

disse, ecoando ideias já proferidas anteriormente neste encontro. Mário Lúcio encerrou sua participação complementando:

***“Sendo a cultura imaterial na sua essência, a primeira contribuição é que os povos sejam ouvidos dentro de seu espaço, o planeta”.***



O premiado escritor Daniel Munduruku, que tem uma produção prolífica para crianças e também é ensaísta, começou sua fala alertando para a urgência do pensamento sobre cultura na atualidade: “O mundo passa por um momento dramático, é uma peça de Nelson Rodrigues”. Da mesma forma que Mário Lúcio, ele afirmou a necessidade de escuta das diferentes culturas para transformar o modelo atual, que está levando o planeta ao esgotamento de seus recursos, retomando o símbolo de um dos movimentos identitários minorizados: “Construir um mundo arco-íris, como o símbolo tão bacana do movimento LGBTQ”.

Seguindo esse pensamento de Munduruku, Leda Martins expressou-se pela forma da ancestralidade do povo Bantu:



***“Precisamos da transmissão da energia vital no mundo e entre as pessoas. Estar em relação é fundamental. O olhar do outro, o olhar medusa, como lidar com esse olhar? Como dizia o filósofo francês Roland Barthes, o olhar do outro me transforma em imagem, assim como batata bruta em frita. O olhar medusa é aquele que mata, que repulsa a alteridade. Vivemos uma entropia civilizatória e de valores. Como alguém que ataca o meio ambiente tem o dobro de votos de quem não o faz?”***

Diante do cenário atual da padronização de pensamento, Leda Martins ofereceu como possibilidade de mudança a subversão da razão hegemônica e em sua base vinculada ao capital neoliberal. “É preciso causar torções no pensamento, e nos poderes em que se dão os pensamentos”, considerou.

Uma das referências que ela citou como importante nesse processo é o filósofo queniano Ngũgĩ wa Thiong’o, autor de *Descolonizar a mente*, livro que reúne quatro ensaios sobre o deslocamento da centralidade do pensamento da Europa para as muitas esferas culturais ao redor do mundo.

A espiritualidade e a ligação de Martins com tradições dos Bantu são determinantes para seu postulado de “pensar a experiência humana como experiência cósmica”, transcendendo não só as conformações impostas pela economia de mercado vigente na maioria do mundo, como, também, a própria ideia de subsunção dessa cultura ao mundo dito humano.

**“Precisamos pensar a cultura como uma existência humana compartilhada com outros seres não humanos, o que as populações indígenas já fazem.”**

Para chegar a essa compreensão mais holística do mundo, Leda Martins definiu como fundamental o papel da educação, não só a tradicional, mas outras formatadas a partir das experiências das culturas em que se inserem. “Havia um pensador pataxó que dizia que eles queriam escolas nas aldeias,

mas com capacidade para decidir a metodologia”.

E acrescentou: “Por exemplo, todo mundo aprende a fazer contas começando pela operação de adição, mas ele queria começar pela divisão. Então vejam que coisa significativa, começar o ensino da aritmética pela operação de divisão, não de adição. O que isso representa?”

Dessa forma, compreendendo e assimilando outras maneiras de estar no mundo e participando de outras configurações culturais inclusivas para as muitas formas de vida existentes sobre a Terra, Leda Maria finalizou sua fala invocando um retorno ao sagrado. Não o sagrado das igrejas, mas o próprio mistério intrínseco à enormidade e à variedade da vida no planeta. “O próprio ato de entrar na floresta torna-se sagrado.”

## **Predador de si mesmo**

Seguindo a fala inicial da teatróloga, Daniel Munduruku comentou: “Somos o projeto errado da natureza, aquele que não deu certo, o piolho”. Em sua visão, a separação da cultura e da natureza transformou o homem no predador de si mesmo, gerando tantas interferências danosas à natureza.

Ele afirmou que essa separação se deve à forma “como outras narrativas são diminuídas em favor de uma narrativa hegemônica. [...] Esse pensamento tem como foco a dominação de uma narrativa sobre a outra. Não existe narrativa melhor que a outra, todas são tentativas de dar conta de nossa incompletude. Cultura é a tentativa de responder algumas questões que nos fazemos sempre: quem sou eu, de onde eu vim, para onde vou. Nesse sentido, a educação

é tentar dar uma solução para nossa experiência de ser gente”.

Munduruku considerou que, ainda assim, algumas culturas não quiseram se afastar tanto da natureza em busca dessas respostas sobre a própria existência, encontrando soluções efetivas e reais, sem a necessidade de criar um pensamento hegemônico. Uma maneira de identificar as culturas é “como a noção de tempo é construída e determina essas respostas”, segundo o escritor.

Se o mundo ocidental entende a educação como uma maneira de fazer a criança vencer na vida, para Munduruku é impossível que os indivíduos formados por esse sistema observem o planeta em sua integralidade. “É preciso ter o cuidado com o todo, a preocupação com o coletivo”. Ainda assim, ele afirmou que o pensamento indígena não é uma solução, como os brancos atualmente têm enxergado.

***O pensamento indígena é nossa forma de ver o mundo, nossa maneira de responder a essas questões. Quem tem que pensar a solução para o mundo ocidental são seus próprios indivíduos, que precisam repensar seu comportamento, seus valores. Não temos a solução para um problema que não criamos.”***

“O mundo hoje está dominado por um pensamento economista, não estamos pensando pela perspectiva da experiência de ser humano. O povo Munduruku tem toda uma narrativa sobre seu lugar no mundo. É a melhor resposta? Não, é aquela que funciona para o povo Munduruku”, ele definiu.

Seguindo nesse raciocínio, Daniel afirmou que é importante refletir sobre a diversidade em âmbito internacional, “mas temos que pensar em como não estamos conseguindo fazer isso no nosso próprio ‘quintal’”. Para que uma mudança de paradigmas ocorra, Daniel Munduruku comentou que o momento é de analisar a base onde se assentam os problemas. “Quando discutimos pauta identitária, estamos discutindo o final e não a origem disso tudo. E precisamos perceber como essas questões acabam alimentando uma visão distorcida sobre essas pautas”.

Dando sequência ao pensamento de Mário Lúcio Sousa e da fala de Leda Martins, Daniel retomou a questão pedagógica: “Estamos discutindo uma pedagogia que nos foi imposta. Precisamos começar a criar a nossa pedagogia, uma pedagogia do pertencimento, retomando nossos pensadores. Como dizia Darcy Ribeiro, o Brasil necessita de um socialismo moreno, que parte de nossas peculiaridades como povo brasileiro, e não recusa essas características”.

Somente trazendo o pensamento para o âmbito da realidade de cada povo, é possível refletir de fato sobre as questões relevantes para esse povo. “Reflexão não é nada sem prática”, definiu Munduruku. Um exemplo é o próprio debate sobre sustentabilidade e meio ambiente. O escritor alertou para a importância de se “tomar cuidado com o discurso economicista, que muitas vezes nos leva a pensar sustentabilidade como mais um



Daniel Munduruku

item de consumo, pelo qual se paga mais caro, mas não resolve o problema a longo prazo, só apazigua o ego”.

Retomando a palavra, Leda Martins trouxe novamente a questão da compreensão de tempo levantada por Munduruku em sua fala inicial. “Outras temporalidades não se coadunam com a lógica de mercado”, ela afirmou, conceituando essa padronização imposta pelo neoliberalismo sob a figura do exotismo. “O exótico é tudo que está fora da nossa lógica de apreensão do mundo”. Para ela, a espiritualidade é uma forma de apreensão do mundo que também contribui para a resolução de conflitos e questões, até mesmo onde a diplomacia acaba sendo uma mantenedora da lógica do capital, na retomada de valores e de saberes ancestrais.

Daniel Munduruku finalizou explicando que as tradições de seu povo são muito importantes, mas mesmo elas estão em contato e transformação com o novo. “A cultura é dinâmica, está sempre

em movimento. A cultura Munduruku hoje não é a mesma da minha avó, embora traga os conhecimentos da minha avó, mas transformados”.

“É sempre bom ver novas manifestações de volta de pessoas indígenas, novas formas de criação, o movimento hip hop indígena, nas artes visuais, no cinema”, ele explicou, revelando em primeira mão que o novo livro de Ailton Krenak (até então, ainda não lançado), chamado *Futuro Ancestral*, é exatamente sobre esse devir do presente, que funde o ontem e o hoje. Para Munduruku, é a partir das novas manifestações artísticas que a cultura indígena pode influenciar a cultura hegemônica: “A arte que os indígenas estão construindo são formulações a partir do seu pertencimento. Se está influenciando alguém, está valendo, é educação”, ponderou.



## Destaques das Falas

**O encontro propõe uma troca de experiências e de visões sobre as agendas e os pactos internacionais diante do fracasso de um modelo de desenvolvimento calcado na deterioração do meio ambiente, do uso de combustíveis fósseis, da concentração de riqueza e da desigualdade em que uma parcela cada vez maior da população mundial vive, sob o risco da fome, da violência e da insegurança social, sem falar no extermínio progressivo de povos e de culturas não hegemônicos. Como os governos e as organizações internacionais podem fazer ante essa realidade?**



**Daniel  
Munduruku**

Penso que o mundo está passando por uma mudança muito importante nos últimos tempos. Tanto no que diz respeito às pautas ligadas aos costumes (questões de valores morais e sociais) quanto as ligadas às questões culturais. Certamente o enfrentamento ao racismo estrutural tem sido perceptível em várias regiões do globo, dando a exata dimensão de que é preciso, mais do que mudança, revolução”.

Revolução no sentido da reavaliação do mundo por nós criado e que foi se distanciando da natureza como fonte de vida, passando a considerá-la como elemento econômico. As coisas estão todas interligadas e não dá mais para desvincular a razão da emoção, cultura e economia, alteridade e

globalização. Penso que o mundo e o Brasil precisam despertar para a realidade de que o mundo é diverso e a convivência com a diversidade – humana e não humana – será a única chance de mantermos a vida sobre a Terra. Toda ação tem que ser nessa direção ou não deixaremos nada – ou apenas terra arrasada – para as futuras gerações”.



**Leda Maria  
Martins**

É preciso causar torções no pensamento, e nos poderes em que se dão os pensamentos”.

Havia um pensador pataxó que dizia que eles queriam escolas nas aldeias, mas com capacidade para decidir a metodologia. Por exemplo,



todo mundo aprende a fazer contas começando pela operação de adição, mas ele queria começar pela divisão. Então vejam que coisa significativa, começar o ensino da aritmética pela operação de divisão, não de adição. O que isso representa?”



**Mário Lúcio  
Sousa**

Se a diplomacia cultural tem como base o papel do Estado, a primeira coisa que o Estado tem que fazer para que haja diplomacia cultural e que isso tenha importância e entre na Conferência das Nações – para criar troca e uma humanidade melhor com base na diversidade e nos distintos valores culturais –, o fundamento tem que ser a política pública da cultura”.

A política pública da cultura é um desafio para os Estados. Qual é a valorização que os Estados, a nação, o poder público atribuem à cultura? Quando falamos de poderes hegemônicos, a principal questão é essa”.



**Denise Baena**

O Daniel (Munduruku) é um educador social, e na educação temos essa matriz de olhar o mundo com essa perspectiva de descobrir uma solução para sair dessa ‘enrascada’ em que estamos. Porque não está simples. Cada dia nos desafia mais a pensar esses desequilíbrios, não só na

questão ambiental, mas, também, na eliminação de pessoas, ideias, políticas”.

É muito importante falar sobre o papel do educador, pois ouvimos na abertura o Paulo Pires do Vale falando de Paulo Freire, que é um farol para pensarmos caminhos a partir da educação e da cultura. E precisamos encarar a realidade de frente, pois ela não está muito favorável para a discussão de diversidade, de participação social”.

## LEIA

---

### **Mário Lúcio Sousa**

*Meu Verbo Cultura*. Salvador: Edufba, 2016.

*O Diabo Foi meu Padeiro*. Lisboa: Editora Dom Quixote, 2019.

*Biografia do Língua*. Rio de Janeiro: Imã Editorial, 2020.

### **Daniel Munduruku**

*O olho bom do menino*. Lorena/SP: Editorial Uka, 2019.

*Mundurukando 2*. Lorena/SP: Editorial Uka, 2020.

*Crônicas indígenas para rir e refletir na escola*. São Paulo: Moderna, 2020.

### **Leda Maria Martins**

*Afrografias da memória*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

*Os dias anônimos*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

*Performances do tempo espiralar*, poéticas do corpo-tela. Coleção Encruzilhada. São Paulo: Editora Cobogó, 2021.

Inspiração

*“De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura [...]”*

Ailton Krenak



## As comunidades como protagonistas da cooperação cultural

Participantes:

**Andrés Gribnicow**

Diretor executivo da Associação dos Amigos do Museu Nacional de Bellas Artes

**Clara Mónica Zapata**

Gestora cultural, ex-diretora de Cultura do Governo de Antioquia e ex-assessora do Ministério de Cultura da Colômbia

**Renata Bittencourt**

Especialista em gestão de instituições como Itaú Cultural, Inhotim e IMS

**Maria Helena Cunha** (Mediação)

Gestora cultural, professora, mestre em Educação, especialista em planejamento e gestão cultural e doutoranda em Artes no PPG Artes/UFGM



Maria Helena Cunha,  
Clara Mónica Zapata,  
Renata Bittencourt e  
Andrés Gribnicow

# **As comunidades organizam no cotidiano um modo de vida que permite a milhões de pessoas sentirem-se parte da vida cultural. Isso leva à promoção de novas noções de convivência e de categorias de cooperação cultural. Quais noções e categorias são essas que projetam uma perspectiva renovada para a cooperação cultural internacional? Quais experiências e estudos de caso as comunidades latino-americanas nos trazem como inspiração?**

No quarto dia do **Fórum Internacional de Diplomacia Cultural e Cooperação Internacional**, os convidados falaram sobre o tema “As comunidades como protagonistas da cooperação cultural”.

Renata Bittencourt iniciou a conversa chamando a atenção para o desafio de pensar sobre a atual situação envolvendo diplomacia cultural, comunidades, museus e América Latina. “Quando esses fatores são misturados, podem resultar em formulações de natureza harmônica ou reveladoras dos tensionamentos que nos convidam também a refletir”.

## **Ouvir primeiro**

A educadora apontou o questionamento pós-colonial como um fator que tem colocado na berlinda as instituições culturais, principalmente os museus. “As instituições são convidadas a deixar de se pensar como instituições que educam a sociedade, mas que neste momento precisam

ouvir a sociedade para ser educadas, para poder entender os novos papéis que precisam assumir”.

Bittencourt manifestou sua compreensão do momento atual como “uma herança dos movimentos pelos direitos civis, do feminismo, das lutas dos povos originários, tudo isso entrando no museu por outras portas e janelas e contribuindo com essa reflexão, que vai passar pelas coleções, pelos processos de aquisição, pela constituição das equipes técnicas – o que não é pouca coisa”. Pela tendência natural das instituições culturais à estática, uma vez que seu papel é justamente o de preservar a História, levar essas instituições ao movimento de reflexão sobre seu papel e a atualidade é sempre desafiador.

Renata Bittencourt afirmou que é o momento de os museus abandonarem o discurso enciclopédico e totalizante, próprio de sua configuração espelhada em instituições europeias e norte-americanas, como forma de revisitar e transcender o passado colonial, com sua herança muitas vezes perturbadora, que fossiliza modos de relacionamento.

Renata Bittencourt



E sublinhou a importância do último ponto do texto.

***Muito bom esse termo partilha. Não é o museu que irradia conhecimento, que tem os objetos, que é matriz do conhecimento, que é detentor dos saberes e, ao adentrar o museu, você entra em contato com isso. Sua missão educativa seria essa irradiação, essa possibilidade de pensar o museu como esse espaço onde se partilha.”***

Ela citou como exemplo a nova definição de museu aprovada neste ano pelo *International Council of Museums – Icom*, no Japão, que é a seguinte:

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento”.

Para Renata, a missão de decolonizar as instituições de arte e cultura tem que passar por todas as instâncias e processos institucionais, do atendimento à direção, da pesquisa à aquisição e, também, do pensamento de gestão, que muitas vezes acaba por embutir a lógica de mercado nas instituições.

“Não pode ser apenas cosmética, só com receptionistas dos grupos minorizados”, ela comentou. Só assim seria possível dar conta das muitas variantes culturais e sociais, e nesse sentido a diversidade da América Latina pode contribuir para a tomada de uma postura anti-hegemônica, segundo a gestora, como também a observação de outras lógicas institucionais, como os museus comunitários, trazendo a “possibilidade de grupos e indivíduos falarem sobre suas próprias heranças”.

Bittencourt postulou que a diplomacia cultural também está muito atrelada a essa ideia de *soft power* ou poder brando, na tradução em espanhol, mas que ainda é poder.

**“Como pensar nessas dinâmicas de troca sem que elas reproduzam a História, que foi motor e que moldou tanto do que a gente vivencia no campo da cultura e no campo dos museus? Porque na definição de diplomacia cultural está contida a ideia de coerção, de chegar aos resultados desejados por vias que não sejam as mais brutas, mas há pautas, há objetivos e há sobretudo forças desiguais.”**

Ela encerrou sua fala declarando que, no embate entre decolonização e instituição, se não é possível mudar completamente o sistema vigente, há ao menos “a possibilidade da criação de relacionamentos, da mobilização de atores sociais, do estabelecimento de trocas, da criação de redes”.

Bittencourt frisou, no entanto, que não se pode perder de vista a tensão inerente à naturalização e à internalização da lógica colonial do ponto de vista institucional e individual. Ela citou o programa Ibermuseus e o Instituto Brasileiro de Museus - Ibram como dois exemplos bem-sucedidos de estabelecimento de diálogo e de diplomacia cultural na América Latina.



## Participação Cidadã

A fala de Clara Mónica Zapata evidenciou o caráter muitas vezes pioneiro da Colômbia na formulação e no desenvolvimento de políticas culturais no contexto ibero-americano, o que foi confirmado pelo Compêndio de Políticas Culturais 2010, que elenca as ferramentas disponíveis na Colômbia para a cooperação internacional.

Na visão da gestora, "um aspecto claro e decisivo na avaliação do desenvolvimento cultural do país é a questão das políticas públicas sobre cultura e o papel da gestão cultural neste processo". Questões como o princípio da legitimidade, a estrutura das instituições, o sistema partidário, a forma e o papel do Estado são sintomáticas do regime político de um país e refletem decisivamente em suas políticas públicas voltadas para a cultura.

Em sua abordagem mais sistemática da gestão cultural, Zapata afirmou que a cultura é parte importante do capital social, com possibilidades múltiplas de contribuição.

***O capital social trata de coesão social, identificação, formas de governança, expressões culturais e comportamentos sociais que tornam a sociedade mais coesa e mais do que uma soma de indivíduos. Isso implica a geração de redes de confiança, boa governança e equidade social."***

Segundo a gestora, desde a sua Constituição de 1991, a Colômbia abriu a participação cidadã em ações culturais com regulamentação pelo Sistema Nacional de Cultura, ampliando a noção individual de pertencimento e de identidade, além de gerar iniciativas culturais mais atreladas às suas populações. "A ação cultural é entendida como a mediação fundamental que legitima as práticas participativas através de diferentes manifestações, formas de expressão e linguagens".

"A participação cidadã, tomada como um fator de valorização da cultura, juntamente com a educação, é o caminho para provocar mudanças profundas em nossa sociedade, tornando-se um poderoso fator de fortalecimento do capital humano, criando capital social e gerando uma nova cultura que seja autenticamente democrática e solidária", ela declarou.



Com a participação pública é possível mirar a sustentabilidade por meio da cultura, já que as próprias populações de uma região pensam e opinam sobre suas iniciativas e compreendem as necessidades de cada ambiente. Zapata citou a Estratégia Ibero-Americana de Cultura e Sustentabilidade:

*Para que uma comunidade desfrute de bem-estar sustentável, ela deve exercer seu direito à autonomia cultural e projetar as prioridades para suas práticas expressivas e criativas, sejam elas públicas ou privadas, individuais ou coletivas. Neste sentido, podemos definir uma coletividade humana como sustentável, desde que ela seja capaz de desenvolver em seus próprios termos um ambiente cultural que lhe permita identificar-se, utilizar códigos comuns de estruturação simbólica e produzir autonomamente novas linguagens (Projeto ICSI).*



Carla Mónica Zapata compreende que, para haver gestão cultural sustentável e participativa, é necessário proceder a hibridização de modelos de gestão e de produção cultural, em que a intersectorialidade deve ser contemplada para que os diversos agentes sociais participem e criem, coletivamente, projetos relevantes e duráveis.

A partir daí, a gestora definiu: “Portanto, a fim de pensar na verdadeira diplomacia e cooperação cultural, é importante adotar culturas organizacionais para o setor, baseadas em tecnologias duras e em dados quantitativos, com a incorporação de tecnologias leves e uma abordagem humanista; que deve ser baseada em diálogos e em noções de interação não só entre disciplinas, mas também entre setores e áreas-chave para a consolidação das plataformas de desenvolvimento integral que um processo baseado em suporte intersectorial exige”.

Como exemplo, Clara Mónica citou El Retiro, um município da região de Antioquia, na Colômbia. “Faz parte dos 1.150 municípios, para além das capitais dos estados, que compõem a geografia colombiana, onde estão os verdadeiros desafios da inclusão, denotados pelas diversidades e especialmente marcados pelas fortes capacidades criativas dos habitantes dessa Colômbia real”. Lá, iniciativas locais tanto de artes quanto de cultura em espectro mais amplo (gastronomia, produção agrícola artesanal, comerciantes, etc.) estão ganhando formação e qualificação para integrar o chamado El Retiro - Município Inovador e Criativo, dentro do projeto Contigo Siempre 2020-2023. A ideia é que a cidade se torne um centro turístico, desenvolvendo a economia e a cultura locais.



## Cidades e experiências de convivência

Já Andrés Gribnicow citou o papel fundamental do espaço urbano como fomentador de outras experiências de convívio na América Latina. “É aqui que a cooperação cultural desempenha um papel de liderança na promoção de processos de cocriação entre cidadãos, formuladores de políticas públicas e o setor privado, a fim de incentivar em conjunto a implementação de experiências urbanas que melhorem a qualidade de vida das comunidades”.

Conforme Gribnicow definiu, é na cidade que se encontram os diferentes grupos identitários e entram empiricamente em pauta temas como migração, mudança climática, cultura digital, inclusão, sustentabilidade e segurança. E a cultura é elemento privilegiado na criação de espaços de interação, tendo a rua como palco de encontros e de tensionamentos.

Para o gestor, a cultura tem “papel fundamental rumo às Metas de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 das Nações Unidas (2015)”. Gribnicow citou ainda a Cúpula de Cultura (Bilbao, 2015) da [Organização Mundial das Cidades e Governos Locais Unidos \(CGLU\)](#) e o III Congresso Mundial da CGLU (Cidade do México, 2010) como reafirmadores da cultura como fomentadora da sustentabilidade e da cidadania por meio de ações no espaço urbano.


Para o diretor executivo da Asociación Amigos del Museo Nacional de Bellas Artes, transversalidade e transdisciplinaridade devem ser as bases do planejamento e da gestão cultural.

**“É uma questão de passar de conversas setoriais para a construção de ecossistemas compostos de múltiplos atores. E nesse sentido, a participação cidadã, o diálogo intersetorial e o planejamento estratégico são os eixos fundamentais”,** ele declarou, fazendo eco à fala de Carla Mónica Zapata.

Exemplificando novas proposições de política cultural ante o cenário e a mudança de paradigma atuais, Andrés Gribnicow citou dois modelos bem-sucedidos de ação cultural na cidade por múltiplos agentes, incluindo membros das comunidades ao redor.

O primeiro foi o [Panamá Camina](#), em que o Museu de Antropologia da Cidade do Panamá teve seu entorno revitalizado com intervenções artísticas nas ruas. O projeto, de curta duração, foi realizado entre 17 de novembro e 16 de dezembro de 2018. “Foi uma intervenção temporária para medir o impacto e tomar decisões permanentes”.

Seu objetivo era reduzir o tráfego e os acidentes de pedestres fazendo zonas de travessia seguras com cores vibrantes, atraindo artistas de todo o mundo para fazer parte das atividades de pintura e, assim, reduzir os acidentes, seguindo o modelo realizado em Puebla, México. Infelizmente, por mudanças políticas, a implementação do modelo não aconteceu.



**Em nossos tempos, e entendendo o crescimento acelerado de nossas cidades na América Latina, é urgente repensar nossas cidades a partir de uma escala humana”,** declarou Gribnicow.

O segundo caso é o Abasto Barrio Cultural<sup>1</sup>, realizado em Buenos Aires, Argentina, e agraciado com o Prêmio Internacional UCLG – Cidade do México – Cultura 21 na categoria Cidade/ Governo Local ou Regional. “A iniciativa procura promover o imenso número de espaços culturais independentes do bairro pelo trabalho colaborativo e por um vínculo contínuo com os atores culturais, concentrando-se na valorização, reflexão e construção compartilhada e participativa da identidade do bairro como um motor de desenvolvimento e integração social”, disse o gestor.

Pela iniciativa, o bairro de Abasto teve investimentos em infraestrutura, na cocriação com a comunidade e no apoio às indústrias culturais, obtendo resultados como: melhor articulação entre a oferta cultural do bairro e sua relação com o espaço cultural; redução das desigualdades dentro da comunidade; promoção da diversidade das expressões culturais locais e capacitação para os diferentes atores das indústrias criativas locais.

**1** Video 1 – CULTURA\_GBCA\_ABASTOABIERTO e Video 2 – ABASTO BARRIO CULTURA



## Destaques das Falas

**Sob a perspectiva de ações realizadas na América Latina, os convidados abordaram formas de interação social entre comunidades que trazem novas noções de convivência e de inserção na vida cultural, além de serem exemplos de estratégias de cooperação cultural para o enfrentamento de questões em âmbito sociopolítico.**

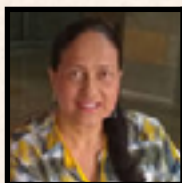


**Andrés  
Gribnicow**

As cidades latino-americanas se tornaram espaços ideais para experimentar novas formas de habitar o território. É aqui que a cooperação cultural desempenha um papel de liderança, promovendo processos de cocriação entre cidadãos, formuladores de políticas públicas e o setor privado, a fim de promover, entre eles, a implementação de experiências urbanas que melhorem a qualidade de vida das comunidades. Quais são as contribuições que a cultura pode fazer para os novos desafios em questões como gênero, identidades, migração, mudança climática, cultura digital, resiliência, inclusão, sustentabilidade e segurança?”

Diante da evidente necessidade de mais diálogo e melhor convivência, a cultura é geradora de espaços de interação, onde a rua é o espaço público por excelência e a escala humana propõe

uma nova perspectiva para sua estrutura complexa. Nesse sentido e no âmbito da cooperação internacional, as diferentes experiências – como as destacadas pela Rede de Cidades Criativas, da UNESCO, as Cidades Unidas e os Governos Locais (CGLU) e o Laboratório do BID, em cidades como Bogotá, Buenos Aires, Panamá, Puebla, Santiago do Chile ou Santos, só para mencionar alguns casos – são exemplos de boas práticas, onde a cultura tem produzido um impacto positivo ao transformar a dinâmica econômica e social, sintonizada com a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável”.



**Clara Mónica  
Zapata**

“A gestão cultural no contexto latino-americano apresenta hoje um avanço significativo, apesar dos fatores de fragilidade trazidos pela Covid-19. Parte desses avanços se constitui precisamente no tema dos relacionamentos e das ações de trabalhos coletivos e de cooperação que se estabeleceram em diversos processos de criação, de circulação de saberes e de conteúdos compartilhados tanto nas universidades quanto de forma especial e autônoma entre coletivos, centros culturais e iniciativas criativas”.

“As dinâmicas de trabalho coletivo e de relacionamento em gestão cultural e redes de conhecimento também propõem a entrada de nossas comunidades culturais em ações inovadoras. Nelas, justamente o potencial criativo dá ferramentas para a cocriação e a formalização de oportunidades para o reconhecimento de líderes e o compromisso das organizações em consolidar ecossistemas culturais a partir das bases comunitárias”, completa.



**Renata  
Bittencourt**

“Precisamos refletir sobre a importância que atribuímos, como sociedade, à diversidade como valor, às manifestações culturais como patrimônio e ao papel social das instituições culturais. O fortalecimento do setor depende dessa ampla conscientização e da atuação complementar de diferentes esferas, conectadas com os campos da criação, da mediação e da gestão”, ela disse, em entrevista à revista *ArteBrasileiros* (4 de junho de 2019).



**Maria Helena  
Cunha**

“Algumas iniciativas culturais de base comunitária conseguem transformar a vida de pessoas, inicialmente em um pequeno círculo, mas, como uma espiral, extrapolando suas fronteiras, tanto no Brasil quanto na América Latina”.

“Destaco iniciativas como Meninas de Sinhá, grupo de mulheres acima de 50 anos que, desde 1996, atua na comunidade periférica do Alto Vera Cruz, em Belo Horizonte, e a Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri que, desde 1992, investe na educação cultural de crianças e jovens por meio da arqueologia social inclusiva, da gestão social, do turismo comunitário, da comunicação social, da produção cultural e do meio ambiente, valorizando as trocas e a cooperação como método educativo”.

## **Andrés Gribnicow**

*Políticas públicas para el Impulso de las Industrias Creativas en el contexto Iberoamericano actual.* OEI – Organización de los Estados Iberoamericanos, 2021.

*Financiamiento público a la cultura y creatividad en América Latina y Caribe: presupuestos, instrumentos y perspectivas.* Andrés Gribnicow, Sofía Lobos y Valentina López. BID – Banco Interamericano de Desarrollo, 2021.

*Desarrollo de competencias para la gestión de emprendimientos culturales y el desarrollo de las industrias creativas en el contexto iberoamericano.* OEI – Organización de los Estados Iberoamericano, 2020.

## **Clara Mónica Zapata**

*Saberes y haceres de la gestión cultural: una construcción territorial con acción internacional para el análisis de la cultura y el territorio.* (Artículo). Revista Periférica, p. 326 Universidad de Cádiz/ España, 2021.

*La Cultura en clave de gestión colectiva: nuevas alternativas y formas de diálogo* (Artículo) Nuestros Territorios en Tiempos de Crisis: un ejercicio de escritura colectiva, p. 85. Universidad de los Lagos, Chile, 2021.

*La Formación de gestores culturales redes y enclaves de interpretación* (Artículo). Periférica: Revista para el análisis de la cultura y el territorio, n. 22, p. 326-337, 2021.

## **Renata Bittencourt**

*Um dândi negro: o retrato de Arthur Timótheo da Costa de Carlos Chambelland.* Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, SP, 2005.

*Modos de negra e modos de branca: o retrato “Baiana” e a imagem da mulher negra na arte do século XIX.* Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, SP, 2015.

## **Maria Helena Cunha**

*Gestão Cultural: profissão em formação.* Belo Horizonte: Duo Editorial, 2007.

*Planejamento estratégico de Projetos e Programas Culturais.* São Paulo: Editora SENAC, 2018.



Inspiração

*"Orientada por um ancião do local, aproximome do lago sagrado andando para trás."*

Gabi Ngcobo



## Intercâmbios e Diálogos Culturais por Iniciativas Artísticas

Participantes:

**Francisca Caporali**

Artista visual, gestora cultural, fundadora e coordenadora artística da plataforma de residências artísticas JA.CA

**Laís Bodanzky**

Cineasta, dirigiu filmes como *Bicho de Sete Cabeças*, *As Melhores Coisas do Mundo* e *A Viagem de Pedro*

**Mário Lopes**

Coreógrafo e articulador da platformPLUS

**Aurea Vieira**

Filósofa e gestora cultural. Gerente de Assuntos Internacionais do Sesc São Paulo



Laís Bodanzky, Mário Lopes, Francisca Caporali e Aurea Vieira

**Artistas, instituições e programas culturais impulsionam, há décadas, os intercâmbios e diálogos culturais por vias institucionais ou por ações diretas. As políticas públicas podem aproveitar esse conhecimento, essas experiências e relações para promover uma cooperação mais dinâmica, contínua e com maior potencial de investimento. O que deve ser feito para estruturar uma política de apoio, de fomento e de expansão de intercâmbios culturais?**

No encerramento do Fórum Internacional de Diplomacia Cultural e Cooperação Internacional três nomes das artes falam sobre “Intercâmbios e diálogos culturais por iniciativas artísticas”.

Quem iniciou a conversa foi Francisca Caporali, que em sua fala abordou os desafios e as mudanças ao longo do tempo na gestão de um espaço independente, no caso o Ja.Ca, no bairro Jardim Canadá, em Nova Lima, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. Ela se lembrou dos percalços do início, em 2010, quando tinha acabado de voltar de seu mestrado em Nova York e resolveu abrir, com Pedro Mendes, da galeria Mendes Wood DM, a empreitada, inicialmente voltada para a promoção de residências artísticas.





## Residências com conexão comunitária

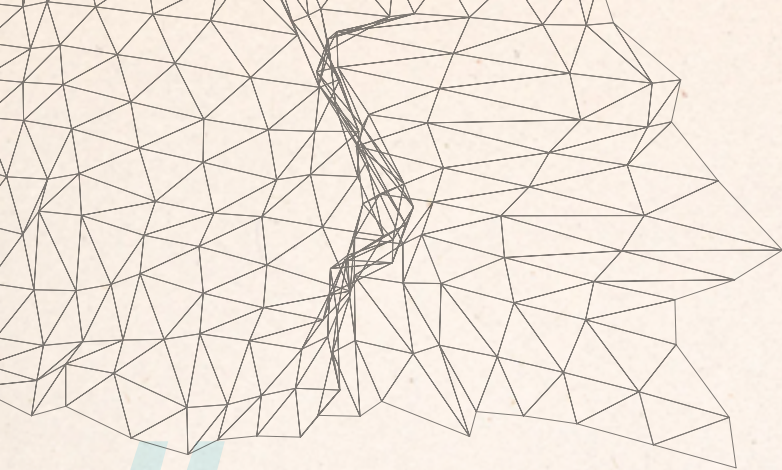
“Eu tinha mais contatos fora do Brasil que dentro, pois tinha morado muito tempo fora”, comentou ela, que antes do período em NY (EUA) já havia passado dois anos fazendo outro mestrado em Barcelona (Espanha). “Na época, havia muitos espaços de residência fora do Brasil e poucos no país, e muita gente interessada em vir ao ‘Sul’ global. E nós tínhamos interesse em fazer o intercâmbio, ou seja, mandar um artista pra fora”, ela contou. Se, no ano de estreia, 2010, o projeto conseguiu captar R\$ 800 mil de verba, no ano seguinte sentiu seu primeiro revés financeiro.

“Perdemos o prazo de todos os editais e acabamos ficando sem dinheiro. Só tínhamos o suficiente para mandar um artista para uma residência no exterior; e foi o Pedro Motta, para Nova York”.

Se inicialmente o projeto visava ao intercâmbio com artistas estrangeiros, em algum momento, por causa do câmbio, deixou de ser uma obrigatoriedade trazer pessoas de fora, devido ao custo proibitivo, e, assim, o projeto foi sofrendo transformações em seu modelo.

**“Começamos a propor alternativas, como um programa com a UFMG de residência de arquitetos, designers etc. Porque uma coisa necessária nas residências no JA.CA é a vinda de artistas que realmente se alimentem do Jardim Canadá, que não é um lugar bonito, como a ideia tropical de Brasil no exterior, como o Rio de Janeiro, por exemplo (...) Então temos n projetos que conversam com o espaço, que interagem com a comunidade.”**

Hoje, diante da vigência do debate sobre decolonização, inclusão e diversidade, essa questão da necessidade de conexão dos projetos com a comunidade é mais bem compreendida, segundo a gestora. Quanto ao financiamento, com o gradual desmonte do subsídio cultural em âmbito federal no País, Francisca declarou que tem sido necessário buscar alternativas e readequar o modelo de atuação inicial.



***“Existe um limite de sustentabilidade de um projeto de arte e educação, pensando financiamento, programas, equipamentos etc.”***

“O equipamento do JA.CA é de um coletivo. Se tínhamos um custo de R\$ 8 mil de aluguel em um galpão, conseguimos comprar nossos contêineres e pagamos R\$ 1.200 de aluguel em um lote, uma maneira de baratear nossa verba operacional”, comentou Francisca.

Atualmente, o JA.CA é formado por contêineres somados a pequenos galpões, mais baratos. Uma Kombi faz as vezes de sede móvel e é palco de diversas atividades promovidas além das fronteiras geográficas da base fixa do projeto. Das residências iniciais, o JA.CA passou a realizar iniciativas diversas, como a de sustentabilidade e educação, trabalhando com artistas dentro de escolas na abordagem de temas atuais, como a mineração, em pauta “depois de tantos crimes ecológicos”.

“O JA.CA deixou de ser só um lugar de pensar exposições e convidar artistas, mas tem iniciativas muito mais amplas”. Mesmo com tantas iniciativas, e até por isso mesmo, Francisca Caporali reforçou o que deveria ser óbvio: “Quando a gente vai criar, é preciso ter aporte, ter fomento”.

## **O corpo como metáfora**

Vindo de Amsterdã de volta ao Brasil depois de cinco anos no exterior, o dançarino e gestor cultural Mário Lopes iniciou sua fala fazendo uma metáfora entre o corpo, seu instrumento de trabalho, e a situação do diálogo cultural na atualidade, pela “perspectiva de onde se situam passado, presente e futuro no corpo e no campo”.

***“Caminhar para trás é essa perspectiva colonial, mas nos leva para o futuro. Isso me leva a pensar muito sobre minha prática, que é inverter essa lógica. É a questão da urgência: como criar espaço de pensamento, encontro, onde é possível falar sobre tecnologias, expandir essa ideia.”***

Quando foi morar em Munique, Lopes confrontou-se com a ideia de integração social e de ser um cidadão estrangeiro em seu país de moradia. Foi dessa inquietação que surgiu a [PlattformPlus](#), iniciativa coletiva de organização de projetos para promover encontros artísticos e residências móveis e internacionais, como a *veiculoSur*.



***“Quem se integra tem que se desintegrar de algo. Quando me vi no exterior, pensei: ‘não posso estar sozinho aqui, senão vou ser desintegrado. Tenho que trazer essa tecnologia, essa comunidade para me ajudar a coabitar esse sistema de um outro lugar, perfurando e teletransportando’. Cansei de correr atrás da luz no fim do túnel.”***



“A gente corre, corre e nunca chega, então estou trabalhando a prática de ‘teletransporte’. Como posso me teletransportar desses sistemas e abrir novos horizontes, construir intersecções na prática?”, ele comentou.

Buscando construir uma pedagogia anticolonial, a PlatfformPlus realizou projetos singulares, como uma residência com artistas sul-americanos num castelo suíço que foi ocupado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, localizado em frente ao lago Genebra.

Para o dançarino, a continuidade era uma questão com relação às residências. “Fiz uma residência pelo Goethe-Institut Santiago durante duas semanas; aí você conhece um monte de gente de vários países, cria um monte de conexões e, no fim, tudo se dissolve”.

Foi a partir dessa necessidade de manter contato que ele e outros artistas da residência do Goethe-Institut se juntaram para seguir com a troca de experiências, realizando um projeto de residência multinacional contínuo, com encontros

sazonais: a [veículoSur](#), residência itinerante com encontros em Montevideu, Santiago, Helsinque e Munique, entre outros. “A partir daí, me vi lidando com questões sobre como gerir e financiar um projeto multinacional, como não esquecer a urgência do trabalho, etc”.

Depois de uma temporada bem-sucedida com o projeto, Mário Lopes afirmou estar num “momento de reflexão”, com o projeto suspenso para avaliação sobre as próximas ações a serem realizadas: “como dar sequência a um projeto que se tornou uma plataforma, como entender a continuidade do projeto”.

## Fazemos muito mais

A cineasta Laís Bodanzky abriu sua fala comentando o aspecto da colonização norte-americana sobre o cinema mundial e, em particular, sobre o Brasil. “O Brasil está ensimesmado. O cinema brasileiro é colonizado, muito atrelado aos EUA, muito eurorreferente. Agora mesmo, falei do meu novo filme, [A Viagem de Pedro](#), premiado no Festival do Rio, mas só foi citado o festival estrangeiro de [Amsterdã, o Septimius Awards](#)”.

Ela afirmou que esse prêmio só poderia ter sido criado por um homem jovem e negro como [Jan-Willem Breure](#), pois tem a característica abrangente e inclusiva de premiar o melhor filme de cada região do mundo. Ao contrário, mostras e premiações internacionais como o Oscar, Festival de Veneza, de Berlim e de Cannes, por exemplo, acabam por condicionar a produção brasileira quando vetam uma produção de entrar na seleção. “Essa curadoria não é respeitosa, porque muitas vezes vai nos dizer o que produzir, o que filmar, mas consumimos produções europeias ou norte-americanas sem critério algum”.

Como os eventos correlatos realizados no Sul ainda são pouco representativos, isso faz com que o mercado cinematográfico internacional seja condicionado pelas vitrines dos festivais europeus e norte-americanos. “Não somos reconhecidos de fato”, declarou Bodanzky.

A diretora, no entanto, viu com bons olhos o advento do streaming, que vem ampliando os horizontes de exibição de produções antes circunscritas a um público local.

***Com a tecnologia vindo, há um intercâmbio cultural acontecendo por meio do streaming, que possibilita o acesso fácil a séries e filmes de outros lugares não hegemônicos. A partir disso, estamos vendo uma mudança no cenário global. Até o Oscar começou a ampliar a representatividade do cinema internacional entre votantes da Academia, e o coreano Parasita (2019) acabou ganhando o prêmio de Melhor Filme.”***

Uma experiência que mudou sua percepção do público de cinema foi o Cine Mambembe, que

depois foi rebatizado de [Cine Tela Brasil](#). Criado em 1996 pela diretora e por Luiz Bolognesi, sócio de Laís Bodanzky na produtora Buriti Filmes, o projeto levava cinema para as regiões mais distantes do País usando apenas um telão e equipamento de som.

***“Precisamos respeitar o receptor de cinema no Brasil. Foi aí que percebi que o cinema não precisa ser simplório. Dos lugares mais inesperados vinham as reações mais incríveis, mais interessantes, sobre os filmes que a gente levava. Ampliou muito a minha percepção de Brasil. A viagem mais interessante foi, como se tivéssemos ido para o exterior, a uma aldeia [Krahô](#) (autodenominados Mehin), no Maranhão. Eles não falavam português, só o cacique falava um pouco, então a comunicação foi difícil. Pensei: ‘aqui, nós somos os estrangeiros’.”***

Laís Bodanzky



Segundo Bodanzky, esse respeito pelo público e a assimilação de seus olhares múltiplos deve se estender também a parceiros de produção, como no caso do xamã Davi Kopenawa, com quem Bolognesi roteirizou e dirigiu [A Última Floresta](#) (2021). Ela conta que “em sua eficiência produtiva, o Luiz Bolognesi chegou para o Davi Kopenawa já com um pré-argumento escrito. Ele já ia começar a apresentar a história, e o Davi disse: ‘primeiro nós precisamos sonhar com essa história, para saber qual é o filme’ – ou seja, o pensamento yanomami tem uma lógica completamente diferente. O filme vem do sonho deles. Fomos ocidentais na imposição do nosso olhar. É o que eu sinto quando estou em contato com outras culturas, como a norte-americana e a europeia, tentando agradar para ser compreendida”, ela completou.



Laís Bodanzky sugeriu, como alternativa ao domínio eurocentrista, o financiamento por coprodução, uma modalidade ainda pouco utilizada no Brasil, de acordo com a diretora. “A América Latina faz muito mais”. Assim como seus companheiros de mesa, ela destacou a necessidade de políticas públicas que “entendam que é importante para um país se conectar com outros por meio da cultura”. Só por meio de financiamento público e na busca por coprodutores entre os países não hegemônicos a cineasta afirmou ser possível criar um mercado cinematográfico brasileiro, que fale sobre sua realidade e possa inclusive ser autoral.

***Tudo depende de políticas públicas, mas só a Cultura tem que dar contrapartida de ingressos, tem teto de ganho pro artista, enquanto as montadoras de carro e as fábricas de eletrodomésticos não precisam dar contrapartida nenhuma para os incentivos que recebem.”***

A questão do financiamento público e do desmonte da Cultura no Brasil foram criticados pelos quatro participantes da mesa.



## Destaques das Falas

**Se por um lado as artes têm papel fundamental na integração, na cooperação e mesmo nas relações internacionais entre os povos mais distintos, a política de cancelamento adotada por alguns países, instituições e grupos identitários desestabiliza os princípios defendidos por acordos internacionais. Tal é o papel crucial da cultura e das artes na difusão de valores comunitários e coletivos para além de fronteiras geopolíticas.**



**Francisca  
Caporali**

“Na minha fala busco discorrer sobre um mapeamento histórico de políticas diplomáticas de intercâmbio cultural, que data de muitas décadas, sobre o fortalecimento desse fluxo do trânsito de artistas a partir de grandes eventos e de aproximações do mundo contemporâneo. Refletir sobre dinâmicas que foram implementadas, outras que estavam em articulação e as que deixaram de existir com as crises econômicas e políticas instauradas, que causaram impacto direto na realidade cultural e artística no mundo”.



**Laís Bodanzky**

“Minha área é o audiovisual e o cinema, que, como todo trabalho artístico, se completa quando atinge o outro, se comunica. E essa comunicação é um intercâmbio muito importante. Minha experiência durante 15 anos levando cinema brasileiro a várias regiões do País, para pessoas que muitas vezes estavam vendo cinema pela primeira vez, me tornou uma artista melhor, porque exibir os filmes, conversar com as pessoas e ver como elas reagem àquela produção artística, mesmo não sendo minha, me mostrou na prática que não há certo ou errado, há como cada pessoa ou região do País interpreta, reage àquela informação ou se transforma a partir daquela provocação.”

“Outra característica do cinema, até por ser uma arte cara de realizar, pelo tempo, pelo tamanho de equipe e pelo nível tecnológico necessários, é que uma das formas de viabilizar um projeto são as coproduções internacionais. A somatória de esforços para financiar um projeto é muito interessante, porque na hora em que se inicia o projeto com recursos de várias outras culturas, de outros países, já se está preparando o projeto para que, quando pronto, ele circule também nesses outros lugares, expandindo seu alcance”.

“Essa troca cultural, artística, através do audiovisual é muito importante porque nós vivemos de certa forma uma monocultura imposta por uma questão financeira das produções norte-americanas. Não digo que não devemos consumir produtos e expressões artísticas norte-americanas, mas não podemos consumir só eles. Então, as coproduções internacionais também expandem a mente do público, ampliando a diversidade característica do nosso planeta”, ela complementa.



**Mário Lopes**

“Desde muito cedo, minhas práticas sinalizavam um caminho transdisciplinar dentro de uma interface da arte, do esporte e outros campos. Mas os saraus do quintal de casa, de quando era pequeno, têm grande importância na minha formação como articulador. Lá reunia-se parte da comunidade e era espaço para diversas manifestações artísticas, de encontro e escuta, um lugar de cuidados”.

“Porém, a necessidade de desenvolver uma estratégia política para expandir encontros entre culturas veio do meu casamento com minha parceira, que é alemã e das artes, e dos nossos processos artísticos conflitantes. Conflitos que deram a possibilidade de aprender e construir um caminho potente de relações. Morar em Munique e ter passado pelo processo de integração social na Alemanha foi algo marcante e divisor de águas. A partir disso, emergiu a urgência de não ter que me desintegrar da minha cultura para me integrar a outra e de como articular pontos de encontro nessa grande interface de culturas, sem capturar ou estar capturado”, ele completa.





## LEIA

---

### **Francisca Caporali**

*JA.CA 5 1/2 Sobre Tempos*. Belo Horizonte: JA.CA, 2017.

Como lidar com a Indie.Gestão? In: Daniel Toledo. (Org.). *Indie.Gestão - Práticas para artistas/gestores ou como assobiar e chupar cana ao mesmo tempo*. Belo Horizonte: JA.CA, 2015, p. 9-15.

*Vende-se/Aluga-se JA.CA 1/2*. Belo Horizonte: JA.CA, 2014.

### **Laís Bodanzky**

ASSISTA

*A Viagem de Pedro* (2021)

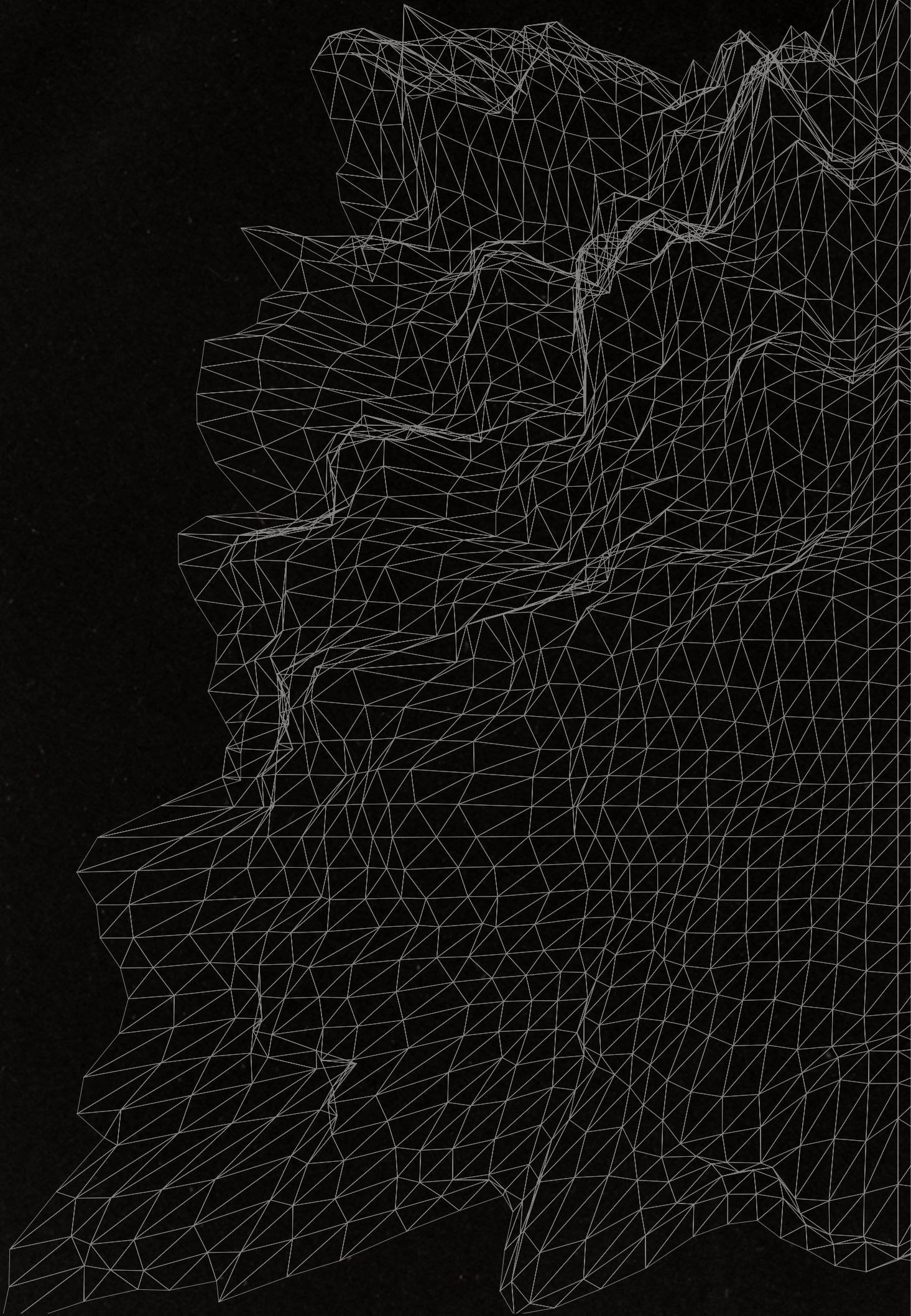
*Como Nossos Pais* (2017)

*Bicho de Sete Cabeças* (2001)

### **Mário Lopes**

Reflexões sobre práticas de articulação curatorial.  
Um fazer coletivo: por isso não escrevo sozinho.  
In: *Performance Philosophy*, 2022.

Reflections on Curatorial Articulation Practices.  
A Colletive doing: That's why I don't write alone.  
In: *Performance Philosophy*, 2022.



A white wireframe map of Brazil is centered on a black background. The map is composed of a dense network of white lines forming a grid of irregular polygons, representing the geographical outline of the country. The text is overlaid on the central part of the map.

# **Cartografia da Cooperação Cultural**

## Documentos de referência

---

[Agenda 2030 e os ODS.](#)

[Agenda 21 para a cultura \(2004\).](#)

[Mondiacult- Declaração Final. Unesco, 2022.](#)

[Nova Definição de Museu, ICOM, 2022](#)

[Carta de Roma, G20, 2021.](#)

[Carta de Porto Santo, Portugal, 2021](#)

[Estratégia Ibero-americana para a Cultura e o Desenvolvimento Sustentável, Segib, 2020.](#)

[Culture 2030 Indicators. Unesco, 2019.](#)

## Informes, artigos e ensaios

---

[A Culture 2030 Goal. CGLU, 2022.](#)

[Convivência Intercultural, perspectiva latino-americana. São Paulo: Itaú Cultural, 2020.](#)

[A Cultura nos ODS: perspectiva a partir da Ação local e da Agência 21 para a Cultura. In: Revista do Observatório Cultural do Itaú N. 27. São Paulo: Itaú Cultural, 2020.](#)

[La Cultura en Crisis: Guia de políticas para un sector creativo resiliente, 2020](#)

[El Futuro de la Cultura. Congresso CGLU, Cumbre Mundial de Líderes Locales y Regionales. Durban, 2019.](#)

[Arte, Cultura e Educação na América Latina. São Paulo: Itaú Cultural, 2018.](#)

## Materiais de apoio

---

[Notas sobre Direitos Inalienáveis, ODS E Cultura, Marta Porto. São Paulo, 2021](#)

[Inspire Biblioteca Virtual](#)

# FÓRUM INTERNACIONAL – 2022

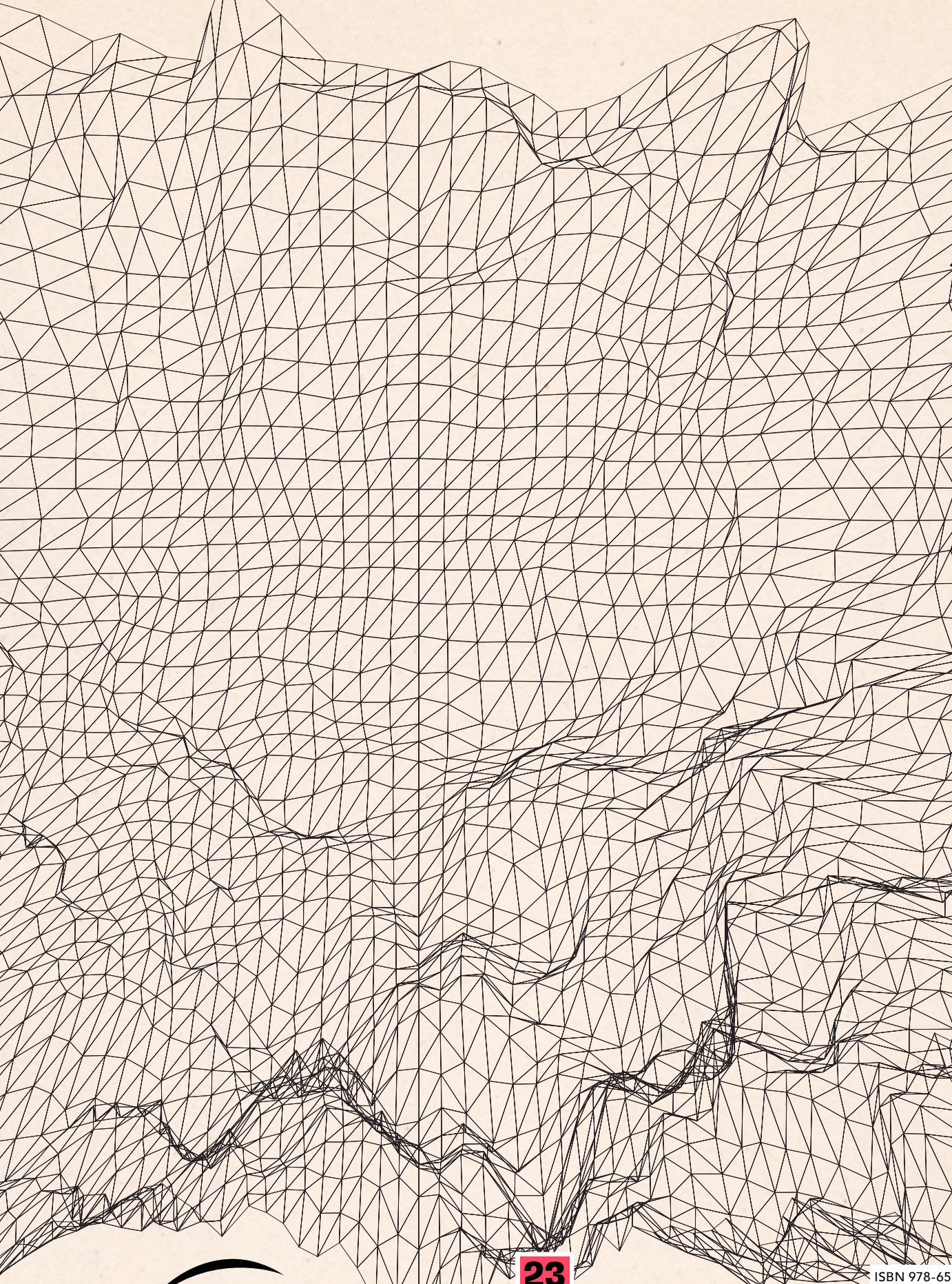
## Diplomacia Cultural e Cooperação Internacional

## PROGRAMAÇÃO

ABERTURA	<b>03 / 10</b>	<b>Abertura</b>
	A cooperação cultural internacional como pilar da alteridade e do respeito às diferenças culturais	
	Convidados <b>Danilo Santos de Miranda</b> <b>Paulo Pires do Vale</b>	
DIÁLOGOS	<b>04 / 10</b>	<b>Encontro 01</b>
	Diplomacia e Mediação Cultural em tempos de conflitos	
	Convidados <b>Irene Vida Gala</b> <b>Michel Gherman</b> <b>Marta Porto</b>	
	<b>05 / 10</b>	<b>Encontro 02</b>
	Agendas globais, identidades culturais e a contribuição do Brasil	
	Convidados <b>Daniel Munduruku</b> <b>Leda Martins</b> <b>Mário Lúcio Souza</b> – participação virtual	
	Mediação <b>Denise Baena</b>	

<b>06 / 10</b>	<b>Encontro 03</b>
As comunidades como protagonistas da cooperação cultural	
Convidados <b>Andrés Gribnicow</b> <b>Clara Mónica Zapata</b> <b>Renata Bittencourt</b>	
Mediação <b>Maria Helena Cunha</b>	
<b>07 / 10</b>	<b>Encontro 04</b>
Intercâmbios e diálogos culturais por iniciativas artísticas	
Convidados <b>Francisca Caporali</b> <b>Laís Bodanzky</b> <b>Mário Lopes</b>	
Mediação <b>Aurea Vieira</b>	

ENCERRAMENTO



Realização



Projeto e Coordenação

ISBN 978-65-87592-17-6

